

Samuel Coelho da Silva

**“CONVERSA DE BOTEQUIM: UM ESTUDO SOBRE OS
TORCEDORES FREQUENTADORES DE UM BAR EM CARIACICA-
ES”**

BELO HORIZONTE
Universidade Federal de Minas Gerais
2011

Samuel Coelho da Silva

**“CONVERSA DE BOTEQUIM: UM ESTUDO SOBRE OS
TORCEDORES FREQUENTADORES DE UM BAR EM CARIACICA-
ES”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2010

S586c Silva, Samuel Coelho da
2011 Conversa de botequim: um estudo sobre torcedores freqüentadores de um bar em Cariacica - ES. [manuscrito] / Samuel Coelho da Silva – 2011.
61f., enc.: il.

Orientador: Victor Andrade de Melo

Especialização (monografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 55-57

1. Futebol - torcedores. 2. Bares. 3. Lazer. I. Melo, Victor Andrade de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.332

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO – CELAR
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LAZER

TRABALHO INTEGRADO

Título: Conversa de botequim: um estudo sobre os torcedores frequentadores de um bar em Cariacica-ES

Aluno (a): Samuel Coelho da Silva

Número de Matrícula: 2009751730

Professor (a) Orientador: Dr. Victor Andrade de Melo

Classificação:

Nota: 10,0

Data da aprovação: 06/08/2011



À

Biblioteca Universitária da UFMG

Coleção Memórias

AGRADECIMENTOS

- À minha família pela força e incentivo que tem me dado desde minha infância.
- Aos professores e amigos que ao longo da minha trajetória acadêmica nas Universidades (UFES e UFMG) contribuíram para a minha formação tanto como cidadão quanto profissional.
- Em especial aos amigos Adriano e Marie, que me acolheram em sua república aqui em Belo Horizonte nos módulos do curso.
- Ao Carlão e a Marcilene por abrirem as portas do estabelecimento para a realização da pesquisa.
- A todos os entrevistados pela concessão das informações referentes ao desenvolvimento da pesquisa.
- A Cinira pela sua atenção e paciência dada na secretaria.
- À coordenação do curso representada pelos professores Christiane e Helder.
- Aos amigos que apoiaram nesse período de dedicação e empenho para a realização deste trabalho.
- Especificamente para o Prof. Dr. Victor Andrade de Melo responsável pela dedicação e empenho na orientação para o desenvolvimento da pesquisa.

RESUMO

A proposta do referido trabalho foi de realizar um exercício etnográfico no bar que transmite jogos de futebol, dado que no Espírito Santo há uma tradição dos capixabas torcerem por times do Rio de Janeiro. Conseguimos identificar como se dão as relações de sociabilidade entre os torcedores do Botafogo – RJ e como eles se apropriam desse espaço em seu tempo livre. O método utilizado foi a etnografia que segundo Magnani (2008) nesse exercício antropológico não basta simplesmente registrar a diversidade cultural e suas práticas, deve-se superar esse processo na busca de dar significado a tais comportamentos como experiências, sociabilidade, trabalho, religião, entretenimento, que só parecem ser estranhas quando são desconhecidas “exóticas”. Mas esse processo é trabalhoso e o seu resultado é enriquecedor, pois essa experiência nova permite ao pesquisador compartilhar com aqueles que vivem naturalmente os fenômenos culturais, pois ele também faz parte desta. Para tanto, os roteiros se complementam e serviram de subsídio básico para o entendimento dos objetivos da pesquisa pretendidos, pois eles foram planejados com o intuito de nortear a coleta de informações mantendo a organização do pesquisador no processo de interação com o informante. Sobre as técnicas e os instrumentos para a coleta de dados seguimos o seguinte itinerário metodológico: Amostra foi composta por frequentadores que vão ao bar do Carlão assistir aos jogos do Botafogo; Realizamos a observação participante nos dias de transmissão de jogos do Botafogo no período de 16 semanas (23 seções) sendo os dados registrados em diário de campo; Utilizamos ainda a aplicação de entrevista estruturada a 12 pessoas, sendo que 11 eram frequentadores e 1 era o proprietário do bar; A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, quando após a ordenação dos mesmos em categorias foram confrontados com a literatura. Essa experiência nos possibilitou romper com a visão de consumidor, dando então, via observações e realização de entrevistas um olhar de pesquisador sobre as relações que permeiam este espaço muitas vezes marginalizado.

Palavras chave: lazer, torcedores, sociabilidade, bar.

ABSTRACT

The purpose of this study was to conduct an ethnographic exercise at the bar that broadcasts soccer games, because the Holy Spirit there is a twist on the tradition of Espirito Santo teams in Rio de Janeiro. We can identify how to give the social relationships among the fans of Botafogo - RJ and how they take ownership of that space in your spare time. The method used was ethnography that second Magnani (2008) that exercise is not enough to simply record anthropological cultural diversity and its practices, we must overcome this process in search of giving meaning to behaviors such as experience, sociability, work, religion, entertainment , which only seem to be strange when they are unknown "exotic." But this process is laborious and the result is rewarding, as this new experiment allows the researcher to share with those who live naturally cultural phenomena as it is also part of this. For this the scripts are complementary and provided a subsidy for basic understanding of the research objectives pursued, because they were planned in order to guide the collection of information while maintaining the organization of the researcher in the process of interaction with the informant. On the techniques and instruments for data collection methodology followed the following route: The sample was composed of regulars who go to the bar to watch games Carlão Botafogo conducted participant observation in the days of broadcast games Botafogo in 16 weeks (23 sections) and the data recorded in field notebook; We also use the implementation of a structured interview to 12 people, of which 11 were visitors and one was the owner of the bar; Data analysis was done in a qualitative way, when after sorting them into categories were compared with the literature. This experience has enabled us to break with the view of consumers, giving then via observations and interviews to look a researcher on the relationships that permeate this space often marginalized.

Keywords: leisure, fans, sociability, bar.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	Objetivos da pesquisa.....	11
1.2	Método da pesquisa	12
2	LAZER E SOCIABILIDADE	17
2.1	Sociabilidade na cidade	21
2.2	Sobre a categoria “pedaço”	24
3	CARACTERIZAÇÃO DO SETTING.....	30
3.1	Do cenário	30
3.2	Dos atores	32
3.3	Do espetáculo	34
3.4	Do pertencimento ao povo capixaba	45
3.5	Das eleições	47
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	49
5	CONCLUSÃO.....	54
	REFERÊNCIAS.....	56
	ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Seu garçom
 Faça o favor de me trazer depressa
 Uma boa média que não seja requentada
 Um pão bem quente com manteiga à beça
 Um guardanapo
 Um copo d'água bem gelada
 Feche a porta da direita com muito cuidado
 Pois não estou disposto a ficar exposto ao Sol
 Vá perguntar ao seu freguês do lado
 Qual foi o resultado do futebol
 ...
 Se você ficar limpando a mesa
 Não me levanto nem pago a despesa
 Vá pedir ao seu patrão
 Uma caneta, um tinteiro, um envelope e um cartão
 Não se esqueça de me dar palitos
 E um cigarro pra espantar mosquitos
 Vá dizer ao charuteiro
 Que me empreste uma revista, um isqueiro e um cinzeiro
 Telefone ao menos uma vez
 Para 344333

E ordene ao Seu Osório
 Que me mande um guarda-chuva aqui pro nosso escritório
 Seu garçom me empresta algum dinheiro
 Que eu deixei o meu com o bicheiro
 Vá dizer ao seu gerente
 Que pendure essa despesa no cabide ali em frente
 ...
 Seu garçom
 Faça o favor de me trazer depressa
 Uma boa média que não seja requentada
 Um pão bem quente com manteiga à beça
 Um guardanapo
 Um copo d'água bem gelada
 Feche a porta da direita com muito cuidado
 Pois não estou disposto a ficar exposto ao Sol
 Vá perguntar ao seu freguês do lado
 Qual foi o resultado do futebol
 Conversa de botequim (Samba, 1935) - Noel Rosa e
 Vadico

Quando falamos de bar, reportamos a um estabelecimento comercial que tem como característica servir bebidas, pequenos lanches e refeições populares. Citei inicialmente a letra da música *Conversa de botequim* dos sambistas Noel Rosa e Vadico que, na década de 1930, representavam por meio de músicas o cotidiano das relações sociais, econômicas, políticas e esportivas na cidade do Rio de Janeiro, contexto não muito diferente na década de 2010, a não ser pela capacidade de produção e reprodução, potencializadas pela indústria cultural¹.

Para tanto, o bar assume uma funcionalidade que nos chamou a atenção para a pesquisa², uma vez que com o passar dos anos, esse estabelecimento foi se

¹ Este conceito será mais detalhado no próximo capítulo.

² O interesse pela temática lazer surgiu pelo fato de este assunto permear, em minha trajetória acadêmica, discussões geradas nas disciplinas ministradas no Curso de Licenciatura Plena de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD - UFES). No curso, tive a oportunidade também de participar do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPECEO), cujas discussões sobre Esporte e Lazer permitiram pensar nessa possibilidade de pesquisa. Somado a essa trajetória inicial, pude me debruçar aos subsídios teóricos aprofundados no X curso de pós-graduação *latu sensu* em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO – UFMG) onde sob orientação do Professor Dr. Victor Andrade de Melo tive a oportunidade de estudar o bar e suas relações.

modernizando e ganhou novos aparatos tecnológicos, dentre os quais destacamos a presença da televisão.

No contexto da música de Noel Rosa e Vadico, o resultado do futebol podia ser acompanhado pelo jornal no dia seguinte, pelo rádio em tempo real ou na ida aos estádios. No contexto da pesquisa, o resultado, além das citadas anteriormente, pode ser acompanhado também em tempo real, porém via imagens geradas pela TV ou pela internet.

No entanto, a estratégia de transmitir jogos de futebol³ pelos proprietários de bares na Região Metropolitana da Grande Vitória⁴ tem sido cada vez mais recorrente, sendo então atrativo para torcedores que no seu tempo livre/lazer procuram esse espaço para assistir aos jogos do seu time do coração.

Portanto, nos dias de jogos, esses bares rompem com a rotina de atendimento semanal e passam a funcionar como se fossem uma extensão do estádio. Dessa forma, os grupos de torcedores ocupam esse estabelecimento, muitas vezes com torcida organizada, com bandeiras, com uniformes e até cantam hinos e dão gritos de incentivo aos jogadores.

Após frequentar alguns desses estabelecimentos, pude perceber um pertencimento a redes sociais singulares, sobretudo na capacidade de sociabilidade desses espaços, pois os torcedores procuram o bar para usufruir o seu tempo livre e acabam formando grupos de acordo com os seus interesses. A partir dessa lógica, podemos fazer algumas inferências para nortear o problema de pesquisa. Os frequentadores só veem o bar como espaço de vivenciar o lazer? Como vem sendo representada pelos frequentadores a cultura esportiva? Ou ainda, será que eles têm uma representação da relação entre o lazer e as funções que tais espaços lhes atribuem?

Com o intuito de refletir acerca dessas indagações, emerge o problema central sobre o qual nos debruçamos, pois ela tem a intenção diante do contexto explanado de “investigar qual a relação entre lazer e sociabilidade dos frequentadores do bar do Carlão”. Para dar suporte e subsídios a tal empreitada traçamos dois objetivos norteadores que consistem em; 1) analisar o bar como

³ Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, Campeonatos Estaduais (Carioca, Paulista e Mineiro) e Sul-americanos.

⁴ A Região Metropolitana da Grande Vitória é compreendida por sete municípios: a capital Vitória, Cariacica, Fundão, Guarapari, Vila Velha, Viana, Serra.

espaço de sociabilidade no tempo livre/lazer; 2) identificar como se dá a relação entre lazer e sociabilidade dos frequentadores no bar.

Para justificarmos essa tarefa acadêmica acerca do lazer entendemos que com o crescimento das cidades, segundo Magnani & Torres (2008) nos aponta, promove um desafio de compreendê-la sob um olhar antropológico. Ou seja, como os homens se apropriam dos espaços na complexa sociedade moderna e ainda como se dão as suas relações com os outros homens e com o tempo, que no caso específico trataremos do tempo livre do trabalho dos atores.

Logo, ao levar em consideração que os bares constituem um espaço frequentado pelo cidadão e é um tema pouco explorado pela academia, podemos inferir que isso se dá talvez pelo fato de estar relacionado a um ambiente “marginal”, promíscuo e originário de conflitos.

Deste modo, com o crescimento acentuado do número de estabelecimentos que transmitem jogos de futebol nas cidades da Grande Vitória, a investigação e análise desse contexto se fazem necessária para a compreensão, entendimento e ampliação do debate em torno do campo do lazer e da sociabilidade.

O trabalho consistiu em fazer um exercício etnográfico no bar que transmite jogos de futebol, dado que no Espírito Santo há uma tradição de os capixabas torcerem por times do Rio de Janeiro, causando uma intensa mobilização nesses estabelecimentos. O intuito, portanto, foi identificar como se dão as relações de sociabilidade entre os torcedores do Botafogo – RJ e entender como eles se apropriam desse espaço em seu tempo livre. Essa experiência nos possibilita romper com a visão de consumidor, dando então, via observações um olhar de pesquisador sobre as relações que permeiam este espaço muitas vezes marginalizado.

Coube-nos, assim, a incursão de debruçar-nos sobre o tema. Mas isso só se deu de fato após diálogos com o orientador em que a delimitação do objeto foi inevitável. O primeiro recorte foi delimitar o município no qual seria desenvolvida a pesquisa. Assim, escolhemos o de Cariacica pelo fato de ser o município onde o pesquisador reside viabilizando assim o fácil acesso e a inserção no “pedaço”⁵.

⁵ Segundo Magnani (1986) é o espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que os laços familiares, mais significativa e estável que as relações formais e impostas pela sociedade, ou seja, é o espaço privilegiado onde se tece a trama do cotidiano e fruição do lazer nos fins de semana nos bairros populares. Categoria que será discutida no Capítulo I.

Feita essa primeira delimitação, vimos que ainda era muito abrangente pois inúmeros bares transmitiam jogos de futebol no município. Desta forma, balizamos em um bar específico de um time e o bar do Carlão atendeu os requisitos para o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro foi porque ele transmite jogos de futebol; o segundo foi porque tem um grupo assíduo de torcedores que se identificam com um time de futebol, no caso específico o Clube do Botafogo de Futebol e Regatas⁶; o terceiro foi pelo fato de o proprietário ter aceitado de pronto a nossa presença para a realização da pesquisa.

Depois de realizada a etapa de delimitações, utilizamos os instrumentos: elaboração de roteiros (observação e entrevistas), observação participante, registro no diário de campo e entrevistas. Todavia, corroboramos com Magnani & Torres (2008) que nesse exercício antropológico não basta simplesmente registrar a diversidade cultural e suas práticas, deve-se superar esse processo na busca de dar significado a tais comportamentos como experiências, sociabilidade, trabalho, religião, entretenimento, que só parecem ser estranhas quando são desconhecidas, “exóticas”. Mas esse processo é trabalhoso e o seu resultado é enriquecedor, pois essa experiência nova permite ao pesquisador compartilhar com aqueles que vivem naturalmente os fenômenos culturais, pois ele também faz parte desta.

Ainda nesta linha de pensamento dialogamos com Cardoso de Oliveira (1998) que nos atenta sobre a necessidade de apreender o trabalho etnográfico, para isso ele apresenta três etapas de apreensão dos fenômenos sociais – atos cognitivos - que são: *O Olhar, o Ouvir e o Escrever* que contribuem para a elaboração do conhecimento próprio das disciplinas sociais matrizes como a Antropologia, a Sociologia ou a Ciência Política.

Assim sendo, procurarei indicar que, enquanto no Olhar e no Ouvir “disciplinados” - a saber, disciplinados pela disciplina – realiza-se nossa *percepção*, será no Escrever que o nosso *pensamento* se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo quanto próprio das ciências voltadas à construção da teoria social⁷ (CARDOSO DE OLIVEIRA 1998, p.18).

⁶ No Estado há muitos capixabas que torcem por times do Estado do Rio de Janeiro, por isso essa grande mobilização para acompanhar os jogos nos bares.

⁷ Segundo Cardoso de Oliveira (1998) as disciplinas das Ciências Sociais contribuem para a elaboração da teoria social proposta pelo sociólogo Anthony Giddens. GIDDENS, Anthony. *Hermeneutics and Social Theory*. In: Gary Shapiro and Alan Sica (Eds). 1984. **Hermeneutics: Questions and Prospects**. Amherst, MA: University of Massachusetts Press.

A primeira etapa, a do *Olhar*, pode ser considerada como a primeira experiência – empírica do pesquisador sobre o seu objeto de investigação em que a realidade passa a ser apreendida de acordo com nosso itinerário acadêmico – disciplinas estudadas. No entanto, os fatos não seriam vistos com ingenuidade, como curiosidade diante do exótico, como proposto por Magnani & Torres (2008), mas sim com um olhar sensibilizado pela teoria disponível. Para Cardoso de Oliveira (1998), a disciplina funciona como um prisma que refrata a realidade observada formando então uma imagem. Mas é certo que esse processo não é exclusivo do *Olhar*, pois envolve todos os atos cognitivos que se manifestam com mais evidência no *Olhar* devido ao fato da imagem ótica.

Ao retratar sobre a segunda etapa, o *Ouvir*, Cardoso de Oliveira (1998, p. 21) deixa bem claro que “evidentemente tanto o *Ouvir* quanto o *Olhar* não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação”. Ambas se complementam e servem para dar sustentação à pesquisa, e é nesse ímpeto de conhecer que o *Ouvir* complementando o *Olhar*, participa na medida em que vai se preparando para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, pois todos os fatos são sensíveis ao olhar disciplinado e teórico.

Para complementar as demais etapas de apreensão dos fenômenos sociais – os atos cognitivos preliminares do trabalho de campo – fieldwork, o *Escrever* assume o caráter final, é a etapa onde o produto do trabalho e a questão do conhecimento se tornam mais crítica. Para dar sustentação a essa ideia Geertz⁸ (1988, *apud* CARDOSO DE OLIVEIRA 1998, p. 25) assinala ensaios para desenvolvermos esse tema. Geertz separa e avalia duas etapas específicas da investigação empírica. A primeira classificando a estadia do antropólogo vivendo a situação no campo “estando lá” (Being there); a segunda sucede a primeira etapa que se caracteriza empiricamente com o “estando aqui” (Being here) na universidade dialogando com as instituições de pesquisa e os seus pares. Assim, o *Olhar* e o *Ouvir* constituem a primeira etapa, enquanto o *Escrever* constitui a segunda etapa.

Portanto, o *Escrever* pode ser compreendido como o ato exercitado por excelência no gabinete, na universidade, na academia, cuja característica principal é

⁸ GEERTZ, Clifford. **Works and lives**: The Anthropologist as author. Stanford, Califórnia: Stanford Universit Press, 1988. 157 pp.

proporcionar o cotejamento com o que se escreve no campo e o que se exercita na reflexão mais alta da função cognitiva. Pois é nesse espaço que iniciamos e preparamos os primeiros processos de textualização, tanto para desenvolver a *Being there (Olhar e Ouvir)* quanto para o *Being here (Escrever)* que tem a capacidade de trazer para o plano do discurso os fenômenos sócio-culturais.

Após a explanação dos elementos que ajudaram a discutir sobre o método etnográfico relacionados aos aspectos da descrição dos fenômenos sociais, procurei elaborar dois roteiros etnográficos nos quais destacamos: o roteiro de observação, importantíssimo na etapa de elaboração do diário de campo⁹; o roteiro de entrevista, fundamental para a etapa da entrevista¹⁰ que tinha como intuito não só favorecer a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987).

Para tanto, os roteiros se complementam e serviram de subsídio básico para o entendimento dos objetivos da pesquisa pretendidos, pois eles foram planejados com o intuito de nortear a coleta de informações mantendo a organização do pesquisador no processo de interação com o informante.

Sobre as técnicas e os instrumentos para a coleta de dados seguimos o seguinte itinerário metodológico:

- A amostra foi composta por frequentadores que vão ao bar do Carlão assistir aos jogos do Botafogo;
- Realizamos a observação participante nos dias de transmissão de jogos do Botafogo no período de 16 semanas (23 seções) sendo os dados registrados em diário de campo;
- Utilizamos ainda a aplicação de entrevista estruturada a 12 pessoas, sendo que 11 eram frequentadores e 1 era o proprietário do bar;
- A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, quando após a sua ordenação em categorias foram confrontados com a literatura.

Assim explicado o itinerário metodológico a qual será norteador à pesquisa discorreremos no primeiro capítulo os subsídios teóricos para o desenvolvimento da pesquisa, pois buscamos fazer uma revisão sobre lazer, sociabilidade e sobre as regras do “pedaço”, dado que estes conceitos são de suma importância para nossa

⁹ Anexos I e II.

¹⁰ O termo de consentimento livre e esclarecido consta no Anexo III.

linha de investigação, que nos permitirá conhecer o cenário, os atores e o espetáculo.

No segundo capítulo, iremos fazer um panorama do *setting*¹¹, dos atores e do espetáculo em que se apresenta a pesquisa, além de analisar e discutir os dados coletados ao longo do itinerário acadêmico levando em consideração, diante do contexto, a caracterização do espaço de interação, como se deu o seu surgimento, como o público usufrui desse espaço e como se dão as relações de sociabilidade.

Feito esse breve ensaio sobre o que o leitor defrontará nas próximas seções, desejo uma boa leitura, e espero que o texto consiga atingir o seu objetivo que é de incitar novos olhares sobre a temática lazer possibilitando então novas investigações.

¹¹ Iremos utilizar o mesmo termo usado por Gastaldo (2005) para caracterizar os bares que pesquisou, dado que não foge da discussão proposta por nós que é problematizar um cenário, um contexto, um ambiente que proporcione as diversas relações interacionais dos torcedores em seu tempo livre.

2 LAZER E SOCIABILIDADE

Corroboramos com Melo (2010b) que nos aponta em uma perspectiva histórica que o lazer é consequente da Revolução Industrial Inglesa no século XVIII, período culminado pelas mudanças do modelo econômico, proporcionando uma nova organização política, uma nova concepção de vida em sociedade e o surgimento de novas classes sociais configurando uma ruptura com o passado. Vemos assim a transição do Absolutismo (regime em que os reis detinham o poder) para o Capitalismo (novo regime que foi marcado pela ideia de Estado-Nação com perspectivas liberais).

Decorrido isso, a estruturação das fábricas foi elementar para aumentar a circulação de mercadorias, pois a conformidade da cidade foi transformada e passou a ser um “novo *locus* privilegiado de vivências sociais, sede das tensões que se estabeleceram na transição entre o novo e o antigo regime.” Portanto, segundo Melo (2010b, p.16):

Á necessidade de gestar um novo conjunto de comportamentos considerados adequados para a consolidação do modelo de sociedade em construção, adenda-se a reorganização dos tempos sociais: a artificialização do tempo do trabalho, uma decorrência da industrialização, dá origem a um mais claro delineamento do tempo livre.

Mas é nesse ponto que surgem as primeiras tensões de classes entre operários e detentores do capital onde havia uma luta por melhoria das condições de trabalho, de salários e pela redução da carga horária. Thompson¹² (1987, *apud* MELO 2010b) nos assinala que foi a *luta* (experiência) que deu origem à *classe*. E essa experiência possibilitou o seu fortalecimento político-econômico-cultural, criando então mecanismos de resistência contrários aos vetores de poder, possibilitando a formação de grupo de indivíduos que compartilhavam posicionamentos.

Sendo assim, de acordo com Melo (2010b) podemos inferir que o lazer é um fenômeno moderno, mas nas sociedades humanas organizadas existiam anteriormente as suas práticas de diversão, cada um em seu contexto. Portanto, a

¹² THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

partir do século XVIII é que as práticas de diversão passaram a se chamar de “lazer”.

Feito esse pequeno ensaio histórico sobre as condições que levaram a se pensar o lazer, Gomes (2004) o considera como uma dimensão da cultura que é caracterizado por vivências de manifestações culturais no tempo/espço, em que é uma necessidade humana, e tem como fim o “desfrute” da experiência que deve ser garantido como direito social.

A mesma autora¹³ nos aponta também que essa dimensão da cultura construída socialmente deve respeitar quatro elementos que se interrelacionam: o tempo, o espaço-lugar, as manifestações culturais e as ações ou atitudes fundadas no lúdico. Portanto, o lazer se inscreve no seio das relações estabelecidas com as diversas dimensões da cultura como o trabalho, a economia, a política, a família e a educação, passando a ser encarado como um fenômeno em franco diálogo com o contexto social. Podemos afirmar então, que contribui para mascarar as contradições sociais, mas, por outro lado, pode representar uma possibilidade de questionamentos e resistência à ordem social injusta e excludente predominante.

Assim, o lazer pode ser entendido como um campo que inclui a fruição de diversas manifestações culturais como os jogos, brincadeiras, passeios, viagens, esportes, danças, festas, artes, cinema e porque não a presença no bar?

Portanto, a partir do momento que o indivíduo passa a potencializar o seu conhecimento experimental nas manifestações culturais em suas diversas dimensões, corroboramos com Larrosa (2002) quando entende que experiência é o que nos “acontece” é o que nos “passa”, “toca”, nesse sentido é provocada uma ação transformadora tal que possibilita a esse indivíduo a abertura, a criação e a sua própria transformação, ou seja, a formação de um sujeito “autônomo”, um sujeito sensibilizado culturalmente para vivenciar o lazer em suas inúmeras manifestações.

Para tanto, devemos nos atentar sobre seu usufruto, pois o seu eixo norteador deve proporcionar qualidade de vida, portanto os excessos promovidos pela indústria cultural¹⁴, principalmente com seus produtos que são consumidos de

¹³ Gomes (2003).

¹⁴ Adorno (2002) nos atenta que a indústria cultural se legitima na sociedade por meio da standardização das técnicas em detrimento da razão. Portanto, ela ao invés de produzir mercadorias sólidas, produz mercadorias com valores simbólicos que tendem a ser utilizadas como aparelho ideológico de dominação.

forma coletiva e compulsiva e segundo os mais críticos, promovem a alienação, a distorção da realidade e o reforço da exclusão social.

Segundo Gomes e Isayama (2001) o termo “indústria cultural” foi empregado no final da década de 1940, na obra *Dialética do Conhecimento*, pelos filósofos da Escola de Frankfurt Max Horkheimer e Theodor Adorno, que tratava da cultura de massa, expressão substituída por “indústria cultural” para excluir a interpretação baseada na cultura como se essa surgisse espontaneamente das próprias massas (ideológico).

Segundo a vertente que sustenta essa ideia, a grande marca da indústria cultural é fornecer produtos adaptados ao consumo das massas. Os diferentes ramos da indústria cultural são semelhantes em sua estrutura, ou ajustam-se uns aos outros, tendendo a constituir um sistema articulado pelos meios atuais da técnica e da concentração econômico-administrativa, conforme a lógica dominante. Enfim, eles criticam a sociedade de mercado que não persegue outro fim senão o progresso técnico.

Segundo Marcellino (1996) um dos fatores fundamentais para a expansão da indústria cultural são as barreiras socioeconômicas e os baixos níveis educacionais brasileiros. Isso ocorre porque esses elementos facilitam a criação de um público cativo impostos pelos valores culturais dos grandes centros, em detrimento dos aspectos culturais dos pequenos centros. Cria-se um hábito por parte do trabalhador de resumir seu tempo disponível a atividades dentro do próprio recinto, criando uma cultura de assistir televisão, com programas padronizados nacionalmente em relação a estilos, ritmos, temas e estrutura entre outros.

Contudo, não podemos negar a importância dos meios de comunicação de massa na difusão das atividades do lazer, levando-as até mesmo à casa das pessoas. O que se questiona é o baixo nível dessas programações. Se por um lado é certo que as manifestações da indústria cultural poderiam cumprir pelo menos alguns requisitos que contribuíssem para o desenvolvimento cultural, é também verdadeiro que, na prática, as decisões são tomadas em termos de rentabilidade financeira, evidenciando a homogeneização do consumo, num nivelamento por baixo (MARCELLINO, 1996, p.21).

Ainda segundo Marcellino (2008, p.13), em se tratando sobre o lazer e suas concepções a cultura pode ser compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada ou fruída no tempo disponível.

Na esteira dessa discussão, como vemos, o lazer vem sendo estudado ao longo da história por diversos pensadores como problemática social e podemos situá-lo entre os vários espaços de vivência, criação e recriação de cultura. Segundo Mascarenhas (2004), os autores entram em consenso quando esse lazer é visto como espaço de experimentação valorativa, como prática essencialmente lúdica sendo indissociável da educação. Mas quando se fala em interesses e conceitos formulados a partir dessa compreensão isso já não é unânime entre os pensadores.

Diante disso, levando em consideração as análises realizadas sobre o lazer devemos relativizar quando formos tratar da vivência de cada indivíduo, pois precisamos ser cuidadosos quando submetê-las a apreciações e não podemos hierarquizá-las porque vivemos em uma sociedade complexa, com muitas diferenças, e essas formas diversificadas de lazer devem ser respeitadas.

Nota-se que o fator econômico influencia diretamente na escolha das diferentes formas de prática do lazer, surgindo assim as barreiras interclasses sociais¹⁵ garantindo privilégios a alguns membros da sociedade. Dessa forma, os fatores econômicos associados ao nível de instrução, à classe social, à questão da violência crescente nos grandes centros reduzem o lazer a uma pequena parcela da população que garante certa vantagem em se tratando na frequência e na sua qualidade.

Para Marcellino (1996), quando se pensa em uma democratização cultural dos espaços para a prática do lazer, devemos primeiro identificar o que seriam equipamentos específicos para o lazer (cinema, teatro etc.) e o que seriam equipamentos não-específicos para o lazer (lar, bares, escolas etc.). Nesse contexto, é identificada uma centralização dos equipamentos específicos a uma determinada parcela da população, visto que esses espaços públicos acabam ficando localizados em ambientes restritos, para públicos segmentados com fins comerciais, indo de encontro à democratização do lazer.

Esse fato é decorrente do crescimento urbano desordenado dos grandes centros, onde os menos favorecidos têm acesso aos equipamentos não-específicos por se encontrarem, na maioria das vezes, distantes ou sem condições econômico-

¹⁵ Ver Marcellino (1996).

financeiras de frequentar esse espaço, exercitando o lazer em seu tempo disponível de forma reduzida, sem muitas opções¹⁶.

Para tanto, nossa intenção não é discutir separadamente os equipamentos específicos e não-específicos de lazer, dado que consideramos que ambos têm as suas peculiaridades e podem ser específicos ou não de acordo com o olhar e local de onde o indivíduo estiver. Diante disso, podemos inferir que ambos se complementam e procuramos entendê-los em nossa pesquisa como “equipamentos de lazer”, dessa forma estudaremos o bar que é um ambiente privado de caráter público.

Feita essa explanação sobre a democratização do lazer, nosso foco será nomeadamente o que nos remete ao Bar do Carlão que passa a ser um espaço específico “seguro” para encontro de amigos para exercitar uma sociabilidade básica.

2.1 Sociabilidade na cidade

Para entendermos essa interação social procuramos dialogar com Simmel¹⁷ (1983, *apud* GASTALDO 2005) que define a sociabilidade como “a forma lúdica da sociação” em que “a sociabilidade é uma interação na qual os participantes se mostram a um só tempo interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos tratados.” (p.108).

¹⁶ Enfatizamos ainda que somado aos fatores abordados por Marcellino (1996), os indivíduos que frequentam os equipamentos não-específicos não possuem a sensibilidade para um usufruto crítico e consciente das diversas manifestações culturais de lazer. Mas diante dessa realidade, corroboramos com Melo (2010a) sobre a importância do animador cultural no processo do educar para a sensibilidade, portanto é inconcebível que esse profissional “não possua uma visão ampla, atualizada, não preconceituosa e tecnicamente bem elaborada sobre as mais diversas manifestações/linguagens culturais” (p.131). Mas isso reitera o autor, de forma alguma diminui os demais compromissos do animador, seja nos aspectos teóricos e políticos, mas é evidente a necessidade de uma adequada formação cultural que possa se articular com as outras dimensões culturais proporcionando uma qualidade no processo de intervenção pedagógica.

¹⁷ SIMMEL, G. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. P, 165-181.

Com esses elementos, o autor coteja a noção de sociabilidade de Simmel com a definição de jogo apresentada por Huizinga¹⁸ que considera que este é uma atividade exercida dentro de determinados limites de tempo e espaço com regras consentidas, mas necessárias, com fim em si mesmo e é acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria, diferentes do vivido no cotidiano.

No entanto, Gastaldo (2005) nos faz refletir sobre a relação entre as duas teorias e propõe pensarmos a sociabilidade como o “jogo da vida social”, um momento lúdico, prazeroso, autônomo, de interesse, informal, portanto distinto das coisas “sérias” da vida cotidiana.

Dialogando também com Simmel¹⁹ (1983, *apud* JARDIM 1991, p. 90)²⁰ a sociabilidade pode ser entendida como interações ocorridas entre indivíduos “na qual a forma prepondera sobre o conteúdo”, cuja intenção é condicionar obrigando os indivíduos de diferentes interesses formarem uma unidade – uma sociedade em que prevalece o sentimento dos seus membros de estarem associados, associados em nosso caso como torcedores do Botafogo. Para reforçar o conceito de sociabilidade Velho²¹ (1986, *apud* JARDIM 1991) entende também que é justamente nesse momento de interação dos grupos sociais que se cria o sentimento de pertencimento, onde o externo influencia o interno, contribuindo para a compreensão das relações ali estabelecidas.

Os torcedores procuram o bar para usufruir o seu tempo livre/disponível de acordo com os seus interesses pessoais, pois interagem nesse ambiente para descansar e divertir-se. Portanto, entendemos que é na cidade que os indivíduos encontram esse espaço para exercer a sociabilidade.

Fontenelle (2007) nos aponta que, ao longo da história, as cidades²² vêm sofrendo transformações arquitetônicas consideráveis. Como nos lembra Porter²³ (2001, *apud* MELO 2010b, p. 27) que se a cidade inglesa até então era

¹⁸ HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

¹⁹ SIMMEL, G. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. P. 165-181.

²⁰ <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1404>

²¹ VELHO, G. **Subjetividade e Sociedade**: Uma Experiência de Geração. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

²² Entendemos a cidade como um complexo demográfico com grande número de habitantes, no qual se desenvolvem atividades comerciais, industriais e culturais. O urbanismo então, tem a função técnica de planejar as cidades e os espaços urbanos para adequá-los as necessidades de seus habitantes.

²³ PORTER, R. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, A. (Org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001, p. 19-58.

caracterizada pelas atividades comerciais, naquele momento (século XVIII) tornava-se um local para o consumo e para a diversão, surgindo assim, a cidade do lazer.

Mas para chegar a tal ponto, é necessário entender que até o século XVIII com o crescimento das cidades ocorreu uma mudança de paradigma, dado que nestas inicialmente em sua estrutura prevalecia em sua parte interna a paz, a ordem e a segurança. Em contraste com essa condição, a sua parte externa – periférica prevalecia o perigo e a insegurança. Nos séculos XIX e XX, esse processo se alterou, significativamente, pois a desordem, o perigo e a insegurança passaram a co-habitar o interior das cidades, provocando a criação de mecanismos sociais de defesa diante dessas novas conformidades.

Todavia, com o avanço da insegurança nas cidades, a arquitetura moderna assume um papel de promover um ambiente seguro, onde a sociedade interage desencorajada, solitários expressando o auge do individualismo. Sendo assim, diante desse novo arranjo social “a insegurança”, (BAUMAN, 2007) nos atenta sobre os ganhos financeiros em volta dessa nova conformidade social e econômica o “capital do medo”.²⁴

Como vimos anteriormente em Melo (2010b), com o advento da Revolução Industrial, o mundo social sofreu mudanças significativas em relação ao ritmo do tempo. Benjamim (1994) sinaliza que é na cidade onde esse novo tempo é experimentado (vivido), sendo palco de uma coletividade anônima. Sendo assim, os espaços públicos, antes frequentados por todos, independente de classe, hoje estão restritos em que essa sociabilidade acaba sendo reprimida, pois os grupos se preocupam em si próprios. Devido à insegurança e ao individualismo exacerbado a cada dia nós selecionamos o outro para ter contato, prevalecendo o que Fontenelle (2007) aborda em seu artigo a “sociabilidade da indiferença” que é caracterizada pelo medo de encontro com o outro.

Diante desses fatos, Sennett²⁵ (1988, *apud* FONTENELLE 2007) nos lembra que o individualismo global acende o temor da vida pública onde há uma fobia da alteridade, fobia pelo outro, pelo diferente. No entanto, esse compartilhamento da alteridade não é vivenciado em sua plenitude ficando marcada pela sociabilidade

²⁴ Segundo Fontenelle (2007) com essa ampliação do consumo e da cidade o individualismo se torna uma característica da sociedade capitalista onde os indivíduos passaram a buscar ambientes “seguros” para frequentar, inclusive em se tratando das experiências do lazer.

²⁵ SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tramas da intimidade. Trad. Lygia Araujo Watanabe São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

privada, da indiferença interacional de sociabilidade menos diferenciado, um monopólio melhor dizendo.

A autora nos aponta que anteriormente a sociabilidade acontecia em maior escala entre as diversificadas classes sociais em seus encontros na rua, hoje há uma restrição significativa a pequenos grupos de pares que passam a cultivar a individualidade.

Portanto, ela procura traçar um paralelo sobre as conformidades que as cidades vêm sofrendo ao longo do tempo e quais implicações esse crescimento proporciona na sociabilidade dos grupos sociais que vivem nesse espaço. Diante desses fatos inferimos que a sociabilidade existe, mas com arranjos sociais distintos em que os indivíduos procuram os grupos de pertencimento até que satisfaçam os seus interesses, caso contrário, basta mudar de grupo e selecionar outro²⁶.

Feita essas discussões nos cabe algumas reflexões, as pessoas realmente têm medo de se sociabilizar com as diferentes classes sociais? Como se dão as relações de dominação nesse processo?

Por meio dessas reflexões norteadoras, iremos apresentar as discussões que Magnani (1986), Magnani (2003) e Magnani & Torres (2008) nos traz a respeito da categoria “pedaço” e entender como se dão as relações entre os indivíduos nesse espaço de interação social.

2.2 Sobre a categoria “pedaço”

O “pedaço” é constituído por dois elementos básicos; um de ordem espacial que corresponde a uma determinada rede de relações sociais em que os pontos de referências delimitam seu núcleo como; telefones públicos, padarias, bares, comércios, campos de futebol, terreiros e templos, pontos de ônibus e salões de festas.

No entanto, para pertencer ao “pedaço” não basta simplesmente morar próximo ou ir com frequência ao estabelecimento, “[...] é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança,

²⁶ Como nos atenta Bauman (2007) vivemos em uma modernidade líquida e não sólida.

procedência.” (p.137). Para identificar o grau de relação nessa rede social²⁷ foram traçadas algumas categorias de inserção a qual Magnani (1986, p. 138) nos aponta;

[...] diz-se que alguém é “chegado” a fulano quando é apenas conhecido e os vínculos com ele são superficiais. Ser “colega” supõe uma relação mais concreta – firma, escola, clube de futebol – por conseguinte um maior conhecimento sobre seu trabalho, suas preferências desportivas, habilidades, participação em associações vicinais, etc. O termo “irmão” tanto pode significar um mero apelativo – como “xará”, que evoca semelhança de nome – como também um laço especial de proximidade. “Tio” e “tia” são utilizados no tratamento com adultos e servem não apenas para diminuir a distância imposta pela idade ou função dessas pessoas, como ademais para estabelecer, com elas, algum tipo de relação preferencial.

Uma observação feita por Magnani em nota de rodapé, nos atenta sobre a diferença entre os termos “chegado” e “colega”. O primeiro, diferente do segundo, não dá direito a frequentar a casa de outro “chegado” em estreita relação, a não ser em um aniversário, mas não, por exemplo, para almoçar.

Menos nítida que o núcleo, primeiro elemento do “pedaço” descrito acima, as bordas ou periferias que envolvem esse núcleo não têm um espaço ou território delimitado precisamente, pois o termo designa um espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público. Este é, segundo o autor, o recinto onde “se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que suas relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” (p.138).

Diferentemente das cidades interioranas, na grande metrópole o trabalho e a diversão são vividos em uma intensidade em que nem todos se conhecem e as instituições que atendem essa demanda são diversificadas e dispersas e geralmente são caracterizadas pela alta rotatividade dificultando a criação de laços mais permanentes.

Dialogando com Da Matta²⁸ (1979, *apud* MAGNANI 2003) sobre a casa e a *rua, privado e público* nos aponta que são dois espaços urbanos singulares e com

²⁷ Segundo Johnson (1997) esse termo vem ser discutido a partir da década de 1970, onde o desenvolveram uma centralidade na perspectiva da vida social. E a “rede é simplesmente um conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais ou outras unidades de análise, como grupos e organizações” (p. 190). Portanto, “ao focalizar a atenção em redes, os sociólogos podem fazer uma grande variedade de perguntas, desde a maneira como pessoas adquirem poder ao motivo por que organizações funcionam e como.

²⁸ DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

paradigmas sociais distintos, em que o autor analisa seus valores, atitudes e comportamentos.

Portanto, uma terceira via é encontrada, o “pedaço” que diferente da casa onde encontramos familiares e a rua, lugar de estranhos, de tensão e prevalece a fala “você sabe com quem está falando?”. O “pedaço” surge então como local “*de colegas*”, “*de chegados*” onde todos sabem quem são de onde vem, de que gostam e do que pode e não pode fazer. E ainda, eles não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem, pela sua postura corporal, suas vestimentas, suas linguagens e os seus sinais exteriores de pertencimento. Sendo assim, o “pedaço” tem uma característica marcante em que a ênfase é nos aspectos simbólicos e não necessariamente no espaço geográfico, pois, qualquer problema muda-se de local e pronto.

A oposição entre estas duas categorias contribui para classificar as formas de lazer e entretenimento. A categoria “casa” é caracterizada pelo preenchimento do tempo livre por homens e mulheres que a rigor não podem ser entendidos como lazer, dado que as atividades de complemento da renda familiar, os pequenos concertos, limpezas e conservação da moradia e de utensílios domésticos fogem da sua essência de entendimento de diversão. Já os mutirões que envolvem toda a família e até vizinhos o lazer é dado na pausa para o almoço onde se toma uma cerveja, escuta-se um som bem alto no rádio para amenizar o trabalho. Na “casa” então é ambiente onde as famílias e colegas se reúnem para um almoço, para fazer festas, aniversários, casamentos, enfim vivem os momentos de lazer propriamente ditos e se junta quem é do “pedaço”.

A categoria “fora de casa” segundo Magnani se subdivide em “no pedaço” e “fora do pedaço”. A primeira consiste nos bares, lanchonetes, circos, parques, festas e comemorações de cunho religioso, torneios de futebol realizados dentro da própria comunidade. Cada um com sua característica, no bar, por exemplo, tem um maior fluxo de homens que após uma jornada de trabalho ou no fim de semana se reúnem para conversar, jogar sinuca, dominó e cartas, sempre no intuito de encontrar os grupos de “colegas” e “chegados”. Sempre reforçando o estabelecimento das relações grupais existentes.

Outra característica que nos chama a atenção é na categoria “fora do pedaço” que sempre é regido por regras diferentes do “pedaço” de cada grupo social formado. Para tanto, podemos exemplificar, nos bailes onde há uma grande

concentração de pessoas de diversas procedências. Inicialmente aparenta certa homogeneidade e de eventuais contatos, mas prevalece a junção dos grupos de colegas que vão juntos e retornam juntos para suas casas, e dentro do baile os grupos não são desfeitos, dado que em comunidade se sentem mais seguros e fica então amenizada a diversão “fora do seu pedaço”.

Um exemplo similar ao dos grupos que vão para os bailes são os jogos de futebol varzeano “fora do seu pedaço”, que reúnem uma quantidade expressiva de pessoas do bairro para se divertir em outro “pedaço”, para acompanhar os seus “colegas” e “chegados”. Nesse sentido, Magnani nos aponta que “na realidade não são os indivíduos, mas é o próprio “pedaço” que se locomove.” (p.150).

Segundo o autor, a única forma de lazer que por definição se realiza “fora da casa” e “fora do pedaço” são as excursões que fogem a essa regra, pois as passagens são vendidas avulsas dado que os integrantes são de escolas, do mesmo bairro, de bairros diferentes, de empresas entre outros. Outro espaço que tem as mesmas características são os estádios de futebol, em que é um lugar de afluxo em massa, em que é destacado [...] fenômeno das “torcidas organizadas” que, se não têm como ponto de referência principal o “pedaço”, representam um princípio de diferenciação e expressam uma identidade [...] (p.151).

No “pedaço” as regras de ajuda as diferentes categorias²⁹ é uma característica peculiar, pois pertencer ao “pedaço” significa ser reconhecido em qualquer circunstância, cumprindo assim as regras de lealdade, como por exemplo, pagar uma bebida para um desempregado. Quando há o trânsito de pessoas que pertencem a outro “pedaço” a relação de quem chega é cautelosa, dado que os conflitos e as tensões estão sempre latentes. Como estratégia é utilizada a regra da aproximação por meio de conhecer quais são as preferências esportivas, a lembrança de um encontro em festas, bailes, jogos de futebol de várzea, enfim, tudo isso para quebrar o clima de insegurança, de perigo.

Mas essa forma de se relacionar no “pedaço” não é entender que os seus integrantes não tenham uma visão do mapa geral da cidade. O que acontece é que as outras zonas, os outros “pedaços” estão ligados ao seu percurso de trabalho ou a de serviços que não existem no bairro onde podemos exemplificar o hospital, a

²⁹ As categorias descritas acima; “chegado”, “colega”, “irmão” entre outros.

estação rodoviária e ferroviária, praças, parques entre outros, que tem as suas próprias regras de convivência.

Sendo assim, nas camadas populares a convivência em família e na vizinhança contribuem para que no “pedaço” esse estrato social tenha uma sociabilidade abrangente dada às proporções interrelacionais nos demais setores, se comparado há uma restrita sociabilidade entre as famílias e não a vizinhança. Mas aqueles que se relacionam pelos laços profissionais, que ficam a mercê das oscilações do mercado de trabalho e as precárias condições de existência, com certeza é mais dependente das relações de parentesco, vizinhança e origem. Portanto, é nesse espaço onde as tramas do cotidiano são tecidas, lugar onde se desenvolve a vida associativa, que se assegura o mínimo vital e cultural de sobrevivência em que se desfruta do lazer e há as trocas de informações.

Feito esse ensaio teórico sobre os conceitos que norteiam a pesquisa, no próximo capítulo iremos discutir os dados coletados no bar do Carlão, onde podemos inferir que é um equipamento de lazer importante para os botafoguenses se identificarem, portanto acaba fazendo parte do seu “pedaço”.

No entanto, em um primeiro momento sabendo da importância de deixar o grupo pesquisado ciente do que estaria sendo desenvolvido no ambiente, procurei pedir autorização aos proprietários para dar prosseguimento à investigação etnográfica. Para tanto, os responsáveis pelo estabelecimento de pronto acolheram a ideia e se preocuparam em avisar sempre que possível aos frequentadores do bar que durante alguns jogos estaria um rapaz anotando e tirando fotos do ambiente do bar.

Este estranhamento foi tanto que, nos primeiros dias de observação³⁰, fui confundido com repórter, músico, poeta, compositor de samba, escritor, jornalista entre outros. Isso devido ao fato de estar com o meu caderno anotando a performance do ambiente. Nesses momentos, o meu discurso estava preparado para explicar quem eu era e sobre o meu trabalho de pesquisa que estava sendo desenvolvido. A senha então estava adquirida para minha permanência e aceitação no “pedaço”.

O estranhamento era peculiar, primeiro porque é uma pesquisa sobre lazer, fenômeno que, ao longo da história luta pelo seu espaço na sociedade, onde

³⁰ Assim como em Magnani (1984) e Gastaldo (2005).

prevalece o tempo de trabalho. Segundo, eu era uma pessoa diferente no espaço até então reservado, pelo menos naquele momento, para torcedores do Botafogo.

Diante dessas informações, assim como em Gastaldo (2005b), há de se destacar que o pesquisador deve sempre negociar a sua entrada no campo como observador participante. E isso de pronto foi logo evidenciado, pois procurei ter o aval do proprietário para a realização da pesquisa. Assim, autorizado pude interagir com os torcedores, para tanto não dependi de senha ou código nesse espaço delimitado, o que de certa forma facilitou a inserção por se tratar de um espaço público.

Desta forma, nas linhas abaixo estarão relatadas as experiências etnográficas sobre as relações entre os frequentadores, o perfil do público, como o público interage nos dias de transmissão de jogos, quais alternativas são utilizadas para pertencer ao espaço, dentre outras práticas sociais.

3 CARACTERIZAÇÃO DO SETTING

3.1 Do cenário

O *setting* de pesquisa, o bar do Calão, está situado no bairro Campo Grande no Município de Cariacica – ES e se localiza no cruzamento da Rua Bolívar de Abreu com a Rua Álvaro Pereira Miranda. O estabelecimento fica em um ponto bem estratégico, pois ao longo da Rua Bolívar de Abreu está a Faculdade Pio XII, a pizzaria Tatu, o bar do Vilella e bem em sua frente está localizada a Escola Municipal Estélida Dias, o bar do Nanuque e a padaria Hipperpão.

O bar tem doze anos de fundação e segundo relato do proprietário, ex-conferente, ele só abriu o bar porque ficou desempregado e a medida que os membros da família foram crescendo ocorreu a necessidade de aumentar a renda familiar, e quando ele fala sobre o desemprego e o porquê das transmissões dos jogos ele nos relata que:

Primeiro eu estava desempregado e as condições de trabalho era poucas. Você tem que tratar da família e correr atrás, no começo foi difícil, mas hoje está mais light. Eu comecei assim, quando o Botafogo caiu para a segunda divisão (2002) eu falei assim, ah porque eu gosto de futebol né? Coloquei para mim para satisfazer o meu ego ver os jogos do Botafogo e outros jogos, foi dando certo e a galera está aí hoje. Sem o intuito de fazer o que tem aí hoje, nenhum nem outro só para satisfazer o meu ego.

Hoje o bar é muito frequentado, dado que pude perceber pelo público assíduo ao estabelecimento. Mas, segundo o Carlão, ao retratar sobre as amizades que o marcaram;

Nossa, rapaz eu tive na época da fase difícil na época das vacas magras a gente tinha tanta amizade com um freguês chamado Rosário, eu não tinha dinheiro para comprar uma caixa de cerveja para trabalhar. Nessa época, ele chegava assim: toma cem contos, Carlão, trabalha com mais “X”, fazia assim. Eu comprava duas caixas de cerveja, uma eu colocava nas costas, vendia fazia aquele dinheirinho. No outro dia, comprava um tira gosto pagava ele, e isso aí me marcou muito, porque aí senão eu não estaria com o bar até hoje. Isso ficou muito marcado. Hoje ele frequenta e é considerado como irmão.

O bar não possui identificação externa como placas ou letreiro luminoso, com isso pude inferir que a maioria dos frequentadores se conhece, ora pela afinidade pelo proprietário do bar, ora pelo marketing feito “boca a boca”. Mas um fato aglutinador incontestável é a identificação, em sua maioria, de torcedores do time do Botafogo Futebol e Regatas - RJ.

No ambiente interno, existe um balcão com bancos altos e várias prateleiras para colocar bebidas e dois freezers³¹. Percebi que a organização do espaço é fundamental para que comporte o número maior de pessoas. O bar tem um espaço anexo reservado para a mesa de sinuca e um totó, quando o estabelecimento está fechado é utilizado também para guardar as cadeiras e mesas, lembrando que a extensão não possui televisão. Para fazer suas necessidades fisiológicas os frequentadores dispõem de dois banheiros (um masculino e um banheiro feminino com chave).

Anteriormente, era compreendido por mim, apenas duas divisões do bar, uma interna e outra externa. Ao decorrer das observações, consegui identificar no meio da grande apropriação por parte do público que o ambiente externo assume mais três subcategorias; os torcedores que chegam mais cedo e ficam na parte da calçada agrupados em jogos de mesas e cadeiras; os torcedores que não conseguem lugares para sentar, portanto têm que assistir ao jogo de pé na rua; e por último, os frequentadores que ocupam a calçada oposta, em frente à padaria Hipperpão, que geralmente não demonstram interesse pelo jogo que desperta a atenção de uma maioria no *setting*.

O atendimento é realizado pelos proprietários (Carlão e a esposa Marcilene) ambos botafoguenses que mesclam suas atenções para preparar os alimentos, gelar as bebidas, arranjar as mesas e cadeiras e abastecer as pessoas que vão para curtir o seu momento de lazer.

Ao final dos jogos, ocorre inicialmente uma aglomeração para pagar a conta, mas o destaque é a ausência de comanda, deixando explícita a confiança que os proprietários têm nos frequentadores assíduos e não deixando de ser cautelosos

³¹ Nessa observação pude identificar uma regra desse “pedaço”, pois as pessoas que frequentam o bar não podem ultrapassar o limite do balcão. Exemplo disso foi à interpelação do proprietário a um frequentador desavisado que rapidamente entendeu o recado e respeitou a regra até então desconhecida. Podemos inferir que esta medida foi tomada pelo fato de preservar o caixa e a cozinha que se encontra nos fundos do bar.

com as pessoas que não tem o hábito de ir com frequência ao bar, ou seja, um recém-chegado ao “pedaço”.

Após as transmissões, a mobilização dos proprietários para fechar o bar é de imediato, pois a junção das cadeiras, mesas, copos, pratos, talheres e os últimos atendimentos são providenciais. Em conversa de balcão, ao final de uma longa jornada de trabalho, Carlão comenta que há noites que são proveitosas, lucrativas, mas não dá para responder precisamente se foi satisfatória. Aqui, em seu comentário deu a entender que ele não gostou de alguma coisa, diferente de dias anteriores.

O Carlão comenta também que transmite outros jogos³² pela necessidade comercial, mas com cautela no atendimento, pois o público é diferenciado e deve ter atenção para não tomar prejuízo. A atenção também é dada pelo fato de que ele tem o hábito de frequentar outros bares em seu momento de lazer, pois segundo ele “é para tirar o estresse de uma jornada cansativa”. Portanto, esse momento, serve como “válvula de escape”, e quando está nesses estabelecimentos suas atividades são jogar sinuca, beber cerveja com amigos que vem no bar dele e ainda argumenta; “poxa se os caras vêm ao meu bar curtir, por que eu não posso ir ao bar dos outros curtir também!”.

Portanto, para o Carlão assistir ao jogo é só quando a movimentação é menos intensa e concentra-se na parte externa. Mas isso, geralmente, só acontece quando o jogo é transmitido pela tv aberta (Globo ou Bandeirantes). Nesse dia da observação tinha essas características e ele relatou que: “hoje eu vou assistir o jogo em um bar por aí, porque se eu for para casa eu durmo!”.

3.2. Dos atores

Para efeito de análise sobre o bar do Carlão, consegui perceber que o bar mesmo sendo de um botafoguense recebe diferentes públicos que não necessariamente estão ligados ao futebol ou à transmissão das partidas.

³² Jogos do Flamengo, Vasco, Fluminense entre outros.

Pude identificar alguns atores como; funcionários de empresas que, no início do mês promovem churrascos após a extensa jornada de trabalho. Nestes eventos, há um processo de negociação em que estes levam a carne e o carvão, enquanto o Carlão sede a churrasqueira e vende as bebidas (estas consumidas no bar com um preço em conta).

Há um público que frequenta o bar nos domingos de manhã, isso pelo fato de existir uma feira no bairro³³, que é bem próxima ao bar, e essa quermesse movimenta o público masculino consideravelmente no *setting*, pois geralmente ficam aguardando as esposas. Temos também os vendedores ambulantes de DVD's, paçocas, flores, churrasquinhos, amendoim, cartões, broches entre outros que em todas as observações, ora um ora outro, apareciam para expor seus produtos para alguns frequentadores, inclusive para os proprietários tendo trânsito livre para o comercio informal. Outro grupo presente no *setting* são os de jogadores de basquete, os “basqueteiros” que sempre nos sábados e nos domingos, após jogarem uma partida de basquete se reúnem, inclusive com suas esposas e namoradas, no bar para beber cerveja e fazer churrascos³⁴.

Há torcedores³⁵ estão presentes todos os dias devido ao grau de relação com o proprietário do bar e com o time do coração. Assim, podemos apontar que o bar potencializa o lazer dos frequentadores e assume uma heterogeneidade tanto das pessoas que se apropriam dele para assistir partidas de futebol como aqueles que se apropriam como espaço para passagem respeitando o dia e horário.

Para efeito de desenvolvimento da pesquisa, delimitamos centrar no público dos torcedores do Botafogo que apresentam relações intrínsecas à proposta de discussão. Pelo objeto da pesquisa, iremos focar também no trabalho de campo as transmissões de jogos de futebol, especificamente dos jogos do Botafogo, em que os atores têm uma representação de pertencimento próprios com o clube, usando

³³ A Feira de Campo Grande movimenta os bairros em torno, pois ela proporciona as famílias o acesso a inúmeros produtos de hortifrutigranjeiros com variedades de preços, mobilizando um montante significativo de pessoas do município.

³⁴ Ao final das transmissões foi possível identificar que muitos frequentadores mesmo após terem consumido bebidas alcoólicas conduzem veículos automotivos, que é proibido pelo Código Brasileiro de Trânsito. Mas curioso também foi que muitos iam a pé e outros os familiares iam buscá-los no setting, fato louvável no sentido de preocupar-se com a lei e evitar acidentes. A lei não é respeitada e mesmo que os torcedores fiquem no bar por duas horas, posso inferir que como não possui fiscalização constante, há negligência tanto do poder público fiscalizador quanto dos motoristas.

³⁵ Remeto ao termo torcedores pelo fato desses irem ao bar para assistirem aos jogos tanto do Botafogo, quanto dos demais times como Flamengo, Vasco, Fluminense entre outros. Sendo estes últimos caracterizados como “secadores”, pois vão para zombar dos botafoguenses.

essa característica identitária para se sociabilizarem e usufruírem o seu tempo livre no bar. Tanto é que sempre nos dias de jogos os símbolos de identificação do clube são marcas registradas como camisas, bonés, calções, chinelos, pulseiras, tornozeleiras, canecas, cordões, relógios, lenços entre outros. Sendo essas características elementares na formação dos grupos, ou seja, como elemento de pertencimento.

Também como em Gastaldo (2005b) o público que frequenta o bar do Carlão é predominantemente do gênero masculino evidenciado em destaque em todas as observações, sendo composto em sua maioria por adolescentes, jovens e adultos com idade entre 15 e 70 anos. Mesmo assim proporciona um encontro de gerações, pois as crianças e mulheres também têm sua presença registrada, mas sempre em menor quantidade. Mas um fato que nos chamou a atenção é que, independente do gênero ou da faixa etária, a relação com os proprietários é harmoniosa, demonstrando se conhecerem há tempos.

Assim, são esses os atores que atuam nessa teia de lazer que o bar do Carlão representa.

3.3 Do espetáculo

Considero neste trabalho como espetáculo a transmissão dos jogos no bar, especificamente os jogos do Botafogo – RJ que movimenta uma gama considerável de torcedores, sejam botafoguenses em sua maioria, sejam torcedores de outros clubes como Vasco, Flamengo e Fluminense. Como descrito na seção anterior sobre a caracterização dos atores, antes da partida há uma intensa mobilização para o tão esperado show de imagens proporcionadas pela transmissão do futebol, fenômeno socialmente construído pelo povo brasileiro que assume importância em todas as classes sociais no país.

Feitas essas considerações, a busca por espaço antes do início de cada partida é constante, dado que o procedimento é chegar cumprimentar os amigos e ir ao espaço anexo ao bar (espaço da sinuca) para pegar uma cadeira e se acomodar. Aqueles assíduos que chegam primeiro no *setting*, geralmente botafoguenses, se

acomodam em um local privilegiado para assistir a partida e logo demarcam mais cadeiras, pois alguns grupos sempre assistem aos jogos juntos e guardam lugar para os que estão a caminho. Em dias de clássico, quem chega após o início da transmissão não encontra mais assentos e tem que ficar em pé esperando até alguém desocupar um assento.

A descontração é sempre marca peculiar no bar e como o ambiente é harmonioso, sempre há piadas e brincadeiras entre amigos. Quem se levanta ou passa à frente da televisão provoca uma gritaria geral, “senta aê!” “Senta aê!” e esse alvoroço ora é para ver o que estava passando na televisão, ora é para zombar os colegas recém chegados às mesas.

Foi observado que a maioria das pessoas sempre consome no bar, outros vão apenas para assistir o jogo, não consomem, mas adotam cautela e coerência, pois optam por ficar de pé ou mais distante da televisão. Aqui destacamos que semelhante ao observado por Gastaldo (2005b) a senha para usufruir do estabelecimento é se sentar e pedir uma bebida, mas aqueles que não consomem em momento algum são interpelados tanto pelos proprietários quanto pelos consumidores para, por exemplo, desocupar uma cadeira.

Por meio das observações, conseguimos identificar em conversas a presença de profissionais de diferentes áreas de atuação como policiais, aposentados, desempregados, mecânicos, corretores, vendedores, professores, estudantes, dentre outros. Com essas relações, surge então um espaço potencial para diferentes trocas e experiências, pois mesmo com diferentes olhares e com valores culturais distintos eles tinham algo em comum em que prevalecia o pertencimento identitário com o time do Botafogo e o gosto de frequentar o bar.

É importante perceber que:

O futebol no Brasil é hoje (e tem sido nos últimos cinquenta anos) uma atividade de enorme importância social, cujas consequências transcendem as linhas do campo de jogo, tornando-se mesmo questões de Estado. Os valores e número de pessoas envolvidas com este esporte chegam ambos à casa dos milhões. Milionárias também são as cifras ostentadas pelo mercado midiático. Assim como o futebol, a mídia possui uma importância social que supera largamente a dimensão do “reclame” e dos segundos em que produtos são anunciados e notícias são veiculadas (GASTALDO, 2009, p. 352-369).

A média de transmissão gira em torno de duas horas e meia, no máximo. O interesse é tanto que, nesse momento, o foco é intenso, e em dias de grandes clássicos cheguei a presenciar o público acima de 90 torcedores em toda a extensão do *setting*. Fato este associado a cantorias, gritos de incentivos aos jogadores, vibrações em jogadas de efeito, contestação e indignação com a arbitragem, embates, conflitos, comemoração de gols enfim uma série de atitudes performáticas que merecem atenção para o entendimento das relações de sociabilidade nesse espaço de interação.

A movimentação em torno dessa prática é resultado de um processo histórico e social e esse esporte influencia na formação da identidade brasileira, juntamente com o samba e as religiões afro-brasileiras. Estas ligadas, no entanto, à figura do malandro, elemento tão presente que caracteriza o nosso futebol cheio de dribles, ousadia e jogadas de efeito, passando a ser chamado de futebol-arte. E esse interesse inicia-se em torno da regionalidade, pois os clubes simbolizam um pertencimento social com inúmeras características e, segundo Da Matta (1982), ele pode ser apropriado de diferentes formas e por diferentes sociedades. Ocorre então a formação de uma comunidade em torno de um pertencimento afetivo, uma emoção coletiva compartilhada mediada pelo clube de futebol.

Sobre essa mediação retratada por Da Matta, no Espírito Santo, como havia tratado anteriormente, há uma grande maioria de pessoas que torcem por times do Rio de Janeiro - RJ, estado em que essa regionalidade acabou assumindo uma característica peculiar, pois expandiu o seu raio de ação para as demais Unidades da Federação, não sendo incomum encontrarmos torcedores de times do RJ, assim como de São Paulo e Minas Gerais, por todo o país.

Nos momentos antes de iniciar a partida destaco a existência de várias mini-situações co-ocorrentes de sociabilidade, proporcionando um fenômeno chamado por Goffman³⁶ (1963, *apud* GASTALDO 2005b, p. 114) de “interação desfocada”, pois em torno de cada mesa do bar seus integrantes interagem entre si em co-presença. Durante as transmissões dos jogos, a relação de interação assume outra postura, mudando a dinâmica de organização, mesmo sendo em co-presença, mas nesse momento passa a ser chamada de “interação focada”, formando um cone cujo vértice é formado pela televisão. Dando, então, característica de compartilhamento

³⁶ GOFFMAN, E. **Behavior in public places**. New York: The Free Press, 1963.

alinhado em uma única situação, o jogo do Botafogo. Se antes existia um aglutinado somatório de conversas distintas no bar, ao iniciar a transmissão as conversas passam a interagir com as imagens, os comentários, os lances polêmicos e os gols de outros jogos.

Sobre esse fenômeno destacado, essa distinção dicotômica não pode ser levada ao pé da letra, pois foi possível identificar que, dentre os atores que frequentam o bar, nem todos interagem com a transmissão. Um exemplo são os “basqueteiros” que, mesmo presentes no horário do jogo, se preocupam em simplesmente beber a sua cerveja e conversar com o seu grupo.

Tanto é que, em uma observação, esse grupo estava conversando alto bem no meio do cone, impedindo a “interação focalizada” na partida. De imediato, alguns botafoguenses se manifestaram, logo os “basqueteiros” perceberam o descumprimento de uma regra do “pedaço” se levantaram e saíram do foco da tv. Já em outra observação no *setting*, como estávamos a instantes do início do jogo, os “basqueteiros” perceberam que a cada momento aumentava a chegada de pessoas com o objetivo de ver ao jogo. Assim, sabendo da grande representação que o jogo tinha para os frequentadores mudaram de lugar para não atrapalhar.

A performance, durante a transmissão, é singular e é caracterizada de acordo com o andamento do jogo, pois os jogadores com quem a torcida simpatiza a cada lance são aplaudidos. A alegria é contagiante, sorrisos, brincadeiras, zombarias e muita festa. O ambiente, no meu entender, é considerado confiável, visto que em algumas observações torcedores arriscam em deixar seus pertences na mesa como celular, cigarro, chaves do carro entre outros para irem ao banheiro. Aqui podemos inferir que, pelo menos neste espaço, alguns frequentadores se sentem à vontade e seguros simplesmente pedindo a quem esteja do lado para “dar uma olhada”. Portanto, nesse grupo, o que Fontenelle (2007) nos apresenta, em anterior seção, como a sociedade da insegurança nos dá a possibilidade de inferir que o temor da vida pública e a fobia pelo outro deve ser relativizada, dado que ela é vivenciada e compartilhada entre os frequentadores.

Em meio a essas relações, destacamos o diálogo realizado com Goffman³⁷ (1963, *apud* GASTALDO 2005a), pois, em situações semelhantes, nos aponta que quando o bar está cheio acontece um pedido automático de permissão para dividir a

³⁷ GOFFMAN, E. **Behavior in public places**. New York: The Free Press, 1963.

mesa, que não necessariamente é um conhecido, mas existe um laço de pertencimento comum. Portanto, esse fenômeno denominado pelo autor como “acessibilidade mútua” proporciona uma conversa espontânea entre desconhecidos, que é marcado pela informalidade entre os pares que podem reconhecer um ao outro como parte de um mesmo grupo específico, o de ser botafoguense.

Contrapondo essa tranquilidade, em uma observação, identificamos uma quebra da “acessibilidade mútua”, pois um torcedor pediu para que um senhor vigiasse o seu assento para ir ao banheiro e não retornou. Enquanto isso, o senhor quando perguntado se havia alguém naquele lugar sinalizava que sim.

Com o passar do tempo e a intensa movimentação no *setting*, a todo o momento chegava uma pessoa perguntando do assento vazio. Isso acabou impossibilitando o senhor de assistir ao jogo com atenção. Tão logo ele ficou indignado pelo fato do até então suposto amigo ter se levantado e não ter dado nenhuma satisfação, rapidamente passou a cadeira para outro conhecido que estava de pé e esbravejou: “isso é uma falta de respeito, custava avisar que ia embora!”. De fato, o homem que estava em pé rapidamente ocupou o lugar e focou suas atenções no jogo.

Outro fato que me chamou a atenção foi de um torcedor fumante que não hesitou em acender um cigarro no meio da multidão fugindo da regra do bom senso até então prevalecida no *setting*. No formato de organização do espaço, não há como pedir para que não fumem no momento da transmissão, ou ainda separar área de fumantes e de não-fumantes. Nesse caso, ocorreu uma transgressão por parte de um torcedor, pois até então ninguém tinha “fumado no meio da galera”. As advertências vieram inicialmente em tom de brincadeiras; “faz isso não, amigo!” e um torcedor botafoguense o interpelou; “que é isso rapaz, você é botafoguense cara?”.

Mas, quando interpelado por torcedores de times rivais (“secadores”), a frase marcante é a associação ao time do coração; “só podia ser botafoguense!” em tom de rivalidade. Com o passar do tempo e o calor do jogo, os nervos foram ficando à flor da pele e o torcedor fumava mais ainda. Por essa atitude, surgiu uma interpelação mais veemente chegando ao extremo; “bicho tá errado, para de fumar!”, demonstrando o auge da indignação. O torcedor fumante percebeu que estava incomodando muita gente passou a levantar-se para fumar quando lhe dava vontade, respeitando então as regras do “pedaço” (MAGNANI, 2008).

A interação entre os torcedores sempre é inevitável, os botafoguenses se cumprimentam com o dizer; “hoje é o dia hein?” já o cumprimento aos secadores é; “já está você aqui, bicho!”. Em uma observação, o clima de descontração foi tão evidente que conhecidos foram caracterizados como sócias de candidatos a Deputado Estadual³⁸. No mesmo dia, um amigo, desprovido de cabelos, “careca”, estava sendo julgado por jogar reflexo no olho dos demais frequentadores do bar, provocando uma série de risadas a todos os presentes. Até o dono do bar (Carlão) era zoadado para acertar a imagem da tv que não estava bem, o volume, o brilho enfim tudo era festa.

Como em todas as observações, os secadores estavam sempre presentes, um dia em uma mesa havia três frequentadores flamenguistas com um amigo botafoguense, iniciam-se as teatralizações e embates sobre os times, em que cada um defendia o seu, os até então amigos flamenguistas foram chamados de torcedores da flamengay, flagay, flavesti. Após essa abordagem, a opção dos flamenguistas foi de rir e aceitar a zoação sem alimentar mais o embate. Com os embates e zombarias, assim como em Gastaldo (2005b) surge um elemento tipicamente masculino no ambiente que era associar o outro à homossexualidade, com o intuito de menosprezá-los.

Em outra oportunidade um torcedor ao meu lado fez um comentário sobre o caso do envolvimento do jogador com as drogas e refletiu sobre sua absolvição. Ele enfatizou que Jobson só foi liberado para retornar a jogar pelo fato do vício do Crack ser considerado como um problema de saúde e por ser uma droga nova sua liberação foi facilitada pelo juiz. E ainda deu exemplo; “Eu não sou alcoólatra, apenas bebo socialmente!”. Com isso, ele enfatiza o seu discurso da dificuldade dos jogadores que não estão preparados para ganhar tanto dinheiro e se submetem a realidade incompatível com a profissão.

Outro comentário que chamou a atenção durante uma das observações foi sobre o jogador do Botafogo Somália³⁹ que após um lance sua imagem foi mostrada em close, e um frequentador referindo-se a imagem do jogador esbravejou em um tom depreciativo e jocoso: “isso chega ser azul!”, provocando risos e olhares atravessados. Após o relato dessa cena, e mesmo não sendo o foco central da

³⁸ Isso se deu pelo fato de estarmos em período de campanha eleitoral.

³⁹ Este mesmo Jogador Negro em outras observações já havia sido constantemente chamado de Vera Verão, pela sua aparência com o ator Jorge Lafon.

nossa pesquisa, nos cabem alguns elementos para refletirmos sobre o racismo na sociedade. Como a sociedade brasileira encara essas atitudes? Como essa questão vem sendo discutida no futebol? E ainda será que a nossa geração conhecerá uma sociedade sem preconceitos?

Aos Intervalos ocorre uma intensa mobilização no bar e um singular bate papo. Até a longa fila do banheiro serve de espaço para interação, pois enquanto alguns iam pagar a conta, outros aproveitavam para conversar sobre os lances do jogo e as expectativas. Os torcedores aproveitam ainda esse momento para irem a outros barzinhos comprar churrasquinhos e (re) encontrar com amigos ou familiares que estavam assistindo outro jogo, sempre com o intuito de comentar sobre futebol.

Como o público é bem diversificado percebi também um clima de azaração entre os jovens, tanto é que um jovem ao me ver descrevendo o diário de campo me pediu um pedaço de papel para anotar o seu msn e trocar contatos com uma frequentadora que não estava presente, isso tudo intermediado por uma amiga. As adolescentes que vêm sempre acompanhadas com os pais são respeitadas, mas não deixam de ser abordadas pelos rapazes com precaução e cautela. Para os torcedores que vão embora à jocosidade/gracejo/faceto/facécia é inevitável, pois pude identificar dizeres como; “vai ter que dar satisfação à esposa vai?”. E ainda; “vai ter que lavar as vasilhas?”. Enfim, com essas interpelações deixam claro que o ambiente familiar assim como observado em Gastaldo (2005b, p. 116) é considerado um ambiente feminino, de proteção.

O ambiente é de muita sociabilidade, pois pude perceber que aqueles torcedores que estavam afastados do bar por motivos particulares eram interpelados pelos frequentadores mais assíduos para que voltassem a acompanhar aos jogos. E após alguns minutos de conversa, os detalhes acontecidos no bar são pontuados rapidamente ao amigo como: a excursão para o RJ, a frequência da torcida no bar e os desentendimentos ocorridos no *setting*. Ao falar sobre esse último ponto, ele relembra do jogo contra o Vasco e outro jogo do primeiro turno contra o Palmeiras em que jogaram cadeiras e copos.

No discurso, percebi certa aceitação pelo ato, pois a justificativa encontrada de ambos foi que os torcedores “não botafoguenses” não deveriam estar ali, principalmente zoando os botafoguenses e ambos concordam ainda e dizem: “se fosse no Rio eles iriam morrer!”. Por esse discurso, produzido e reproduzido pela

mídia, nota-se que esse comportamento exagerado acaba sendo típico de torcidas organizadas que buscam resolver conflitos sempre de forma violenta.

Percebendo essas atitudes nas observações, resolvi na etapa da entrevista saber sobre a aceitabilidade dos “secadores” presentes no bar em dias de jogos e constatee que;

Eu acho primeiro, uma falta de educação porque eu jamais sairia da onde for da minha casa ou de um reduto para torcer contra um outro time que não fosse o meu e assim mesmo já o fiz isso, mas em silêncio, sem vibrar, sem gritar. Eles, essas pessoas que vêm secar é porque não tem um lugar onde não se identifica e graças a Deus o Botafogo tem um lugar, um Bar ou um ponto que se identifica com o Botafogo que é aqui o Bar do Carlão que você está sempre aqui você sabe disso. Identificado aqui só vem botafoguense, as pessoas que vem aqui é porque não tem para onde ir, então vamos lá secar o Botafogo porque é lá que eu quero ir aqui que eles vêm (entrevistado 1).

E ainda:

Odeio, me dá muita raiva uma vontade de enfiar a garrafa na boca de um. Porque toda vez que vem algum, tem que falar mal tem que arrumar confusão, ficam fazendo picuinhas entendeu aí eu não gosto e atrapalha a ver o jogo, mais vem mais para procurar briga e são torcedores de outro time porque o bar é de torcedor do Botafogo, quem vem aqui de outro time vem mais a procura de briga dentro (entrevistado 4).

E em tom mais ameno, o entrevistado 2 diz que: “Falei para um flamenguista ali agora querendo dar uma secada né, acho normal né só não arrumar confusão.”

O auge do conflito presenciado foi na transmissão do jogo entre Vasco e Botafogo em que um desentendimento de maior escala ocorreu no *setting*. O árbitro, Felipe Gomes da Silva – RJ, a todo o momento era questionado pois, segundo botafoguenses, no campeonato carioca de 2009, ele comprometeu o jogo em que o Vasco ganhou de 6 a 0 no primeiro turno, mas ao final o Botafogo sagrou-se campeão. De imediato, dois vascaínos se manifestam dizendo; “ah tá é por isso que ele não está dando faltas?” e o outro: “ah tá ele errou 6 vezes?”. Um botafoguense responde; “Não ele errou duas vezes!”. E novamente um vascaíno acende o debate e diz; “então ficaria de 4 a 0”. O botafoguense para encerrar o assunto diz; “o título foi de quem?” Com essa interpelação cessa-se o papo naquele momento.

Como o Flamengo estava jogando em Porto Alegre contra o Grêmio a cada lance ou gol proporcionava alegria com os gols do time do Sul e tristeza com os gols

do Flamengo, fato que os lances transmitidos simultaneamente pela emissora de tv ora unia as duas torcidas (vascaína e botafoguense) quando se tratava do jogo em Porto Alegre, ora dividia quando se tratava dos lances do clássico que movimentava Vasco e Botafogo no Engenhão, demonstrando à rivalidade clubística dos times cariocas também no Espírito Santo.

O Vasco vencia por 2 a 0, mas aos 9 min do segundo tempo o argentino Herrera faz um gol e o *setting* se tornou uma arena, os xingamentos e a zoação aos vascaínos foram instantâneos. O clima no *setting* assume o calor do jogo que com a expulsão do atacante Herrera os embates ficam mais calorosos chegando a nem olhar para a tv em determinados momentos. Aos 44 min um pênalti é marcado para o Botafogo. Antes da imagem da TV, um torcedor botafoguense, ouvindo um rádio⁴⁰, gritou e esbravejou; “é pênalti é pênalti!” e logo após essa cena o lance é presenciado pelos torcedores na tv. Loco Abreu bate a penalidade e marca, o que era para ser alegria vira confusão, pois os embates que haviam sido travados antes entre alguns vascaínos e botafoguenses vira um ato violento, pois um copo e uma garrafa são jogados no grupo vascaíno, e um copo acerta a cabeça de um vascaíno em meio as comemorações.

O clima fica tenso e o Carlão providencialmente desligou a tv e esbravejou; “quem quer arrumar confusão não é para vir para o meu bar e sim assistir o jogo em casa!”. Após o seu discurso, ele partiu para tentar separar os mais exaltados, indignado com a postura dos torcedores botafoguenses. Após 30 min de conversa e deixa disso, o ambiente fica mais tranquilo e o consenso que consegui observar nos discursos pós-confusão foi que cada torcedor tinha que assistir ao jogo em um bar que transmitisse o jogo do seu time. E assim, como Magnani (2003), o custo pessoal e social de provocar uma briga no “pedaço” é muito alto, pois descreve que em locais pesquisados sobre a regra do “pedaço”, quem assume a culpa por eventos dessa natureza conflituosa são os de fora, no caso específico, os vascaínos.

⁴⁰ Identifiquei em uma observação um senhor com um radinho de pilha que a todo o momento comentava o que tinha ouvido aos amigos, pois muitas vezes no bar devido a gritaria não é possível ouvir o que o narrador da tv diz. Em um contra ataque do Botafogo ele se concentra e comemora inicialmente sozinho o gol, pois a transmissão da tv vem sempre uns segundos depois da transmissão do rádio. Com isso, podemos notar o avanço tecnológico em que antes só era possível acompanhar os jogos pela transmissão do rádio, hoje podemos acompanhar a transmissão das imagens em tempo real, na realidade “quase real”, pois o rádio ainda perdura com a sua emoção e tradicionalidade. Contrastando a esse senhor, em outra transmissão um adulto com um MP4 ouve o jogo mais não se exalta nos gols causando curiosidade aos seus amigos. Foi possível perceber que alguns torcedores não gostam que falem ou narrem o jogo transmitido pelo rádio, por que segundo alguns “fica sem graça!”, outros não se importam principalmente quando é gol do Botafogo.

Mas isso não ocorreu só com secadores, pois em uma entrevista pude evidenciar que até com torcedor botafoguense a regra do pedaço prevalece:

[...] Tivemos um problema aqui, eu tive um problema até com um cara aqui, um botafoguense, por fanatismo e graças a deus ele se sentiu na posição dele que ele errou ele não frequenta mais aqui e nem daqui do bairro ele é, é lá do Cruzeiro do Sul, mais é isso aí rapaz a gente como é daqui do reduto aqui sou criado há 36 anos aqui nesse pedaço, então os caras vêm de fora chega aqui e tal, acha que pode mandar arranjar confusão, poxa eu fui criado praticamente aqui o cara sai lá do Cruzeiro do Sul chega aqui vem brigar comigo aqui entendeu, então eu acho que ele ia levar a pior em termos de conceitos. Pô, o cara brigar com o cara que é praticamente da casa, o Carlão é meu conterrâneo desde catarrento, nós somos de Barra de São Francisco então nossas famílias foram criadas juntas minha mãe a mãe dele e eu venho no Carlão não é à toa, nos somos praticamente a irmandade (entrevistado 10).

O Carlão preocupado com a segurança em seu bar, antes das transmissões dava avisos aos frequentadores sobre o fato ocorrido no clássico contra o Vasco. O discurso era voltado para que os botafoguenses não caíssem na provocação, pois o bar é um ambiente para todas as torcidas e esse comportamento não seria tolerado. O proprietário deixou claro que o rendimento do bar é para o sustento da sua família e se essas práticas tivessem continuidade iria tomar a postura de não transmitir mais jogos para inibir esse comportamento no *setting*. Após o discurso do Carlão, o pessoal aplaudiu a sua atitude. O engraçado foi que quem não estava presente no dia do ocorrido não entendeu nada. Por isso, os demais frequentadores que estavam presentes, inclusive eu, tivemos o compromisso de explicar o porquê daquela atitude do Carlão.

Mas o que foi possível observar que, no discurso dos botafoguenses, faltou bom senso dos vascaínos, pois nos bares vizinhos a maioria dos torcedores era vascaína e no bar do Carlão estavam os botafoguenses. Sobre essa postura, deixa claro, em nosso entendimento, a tentativa de transformar o bar do Carlão, por parte dos torcedores mais fervorosos, em reduto exclusivamente botafoguenses, não aceitando torcedores que zombem o seu time do coração. Esse pensamento fica tão evidente que em uma observação presenciei uma fala; “se eu se fosse o dono do bar, só entraria botafoguense e se entrasse torcedores de outro time pediria para ficar na dele e respeitar a nossa torcida!”. E em uma entrevista quando perguntado sobre a presença dos “secadores” foi possível constatar também:

Rapaz, por um lado é bom e por outro lado é ruim né. Eu acho que o bar é do Botafogo entendeu. O bar é do Botafogo e não tem esse negócio de gente querendo vir aqui secar. Tem o bar do Nanuque aqui do lado assiste lá, é isso eu acho muito chato (entrevistado 7).

À medida que se aproximava o fim do Campeonato o acirramento das emoções proporcionadas pelos jogos era evidente. Portanto, no clássico contra o Fluminense os secadores se manifestaram com exaltação, sendo energicamente repreendidos pelos “donos do pedaço”, os botafoguenses. Inclusive o meu comentário sobre uma falta que o jogador tricolor havia cometido foi mal entendido por um torcedor botafoguense, logo fui repreendido com certa avidez. Mas uma simples conversa com um torcedor assíduo que me via todos os jogos fazendo o diário de campo contornou a voracidade do torcedor sobre meu comentário⁴¹.

Um tricolor, de aproximadamente 45 anos, acompanhado do seu filho botafoguense que estava ao meu lado não se sentiu a vontade e relatou que não gostou de assistir a partida ali no bar, pelo fato de não poder vibrar contra o time do Botafogo, e que quem tinha a ousadia recebia repreensões diretas. Com isso, reforça-se a ideia de pertencimento do espaço pelos botafoguenses e a vontade a qualquer custo de preservar o respeito ao Botafogo e tornar aquele espaço, pelo menos, nos dias de jogos como exclusivamente como reduto de botafoguenses.

Com essas características, podemos inferir que o proprietário, mesmo sendo botafoguense, tem uma visão mais abrangente do seu estabelecimento, pois em seu discurso ele entende que o bar é para todas as torcidas, indo ao encontro o seu interesse pessoal e comercial. Já os torcedores botafoguenses mais fervorosos se apresentam o interesse em que o “pedaço”, pelo menos nos dias de jogos do Botafogo, se transforme exclusivo da torcida do Botafogo.

⁴¹ Ao final da transmissão, o torcedor voraz me interpelou e pediu desculpas pelo ocorrido, primeiro pensando que eu era torcedor do Fluminense e segundo alegando não ter entendido o meu comentário.

3.4 Do pertencimento ao povo capixaba

Um ponto que me chamou a atenção entre as observações foi da questão do pertencimento capixaba no futebol, pois como o Estado do Espírito Santo não possui representantes na primeira ou segunda divisão do Campeonato Brasileiro contribui de certa forma, com auxílio da mídia, para que os capixabas manifestem sua histórica identidade clubística por times do Rio de Janeiro. Exemplos desses elementos foram destacados ora em conversa no intervalo dos jogos, ora durante a transmissão.

Em uma discussão fervorosa, um torcedor viajado relata para um grupo em uma mesa que o Espírito Santo possui algo único, visto que há um grandioso numero as pessoas que torcem mais para times de outro Estado do que para times do próprio. Ele retrata que é diferente de Estados como: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul entre outros. Ele reforça também que em outros estados é difícil encontrar bares como o do Carlão, em que a torcida de um único time se aglutina, causando uma discussão sem consenso. Mas o consenso geral sobre o porquê de os capixabas torcerem por outros times é pelo fato do Espírito Santo não possuir um time na 1ª ou 2ª Divisão do Campeonato Brasileiro e dos dirigentes agirem de má fé. Em uma entrevista quando perguntados sobre o porquê de tantos capixabas torcerem por times do RJ encontramos que isso se dá:

Por que o futebol aqui não é levado a sério né?, Na federação, tem dirigente que não leva o futebol a sério. Na verdade, é uma bagunça, né?, ingresso caro, não tem time, os jogadores fracos ... e o estádio também, né? Tem que ter um estádio decente né? (entrevistado 2).

Outro nos aponta que:

[...] isso é uma pergunta muito interessante porque o maior problema do nosso Estado [...] já vem da mídia em geral, porque se você observar nós vivemos na Região Sudeste e a Região Sudeste não é só Rio, São Paulo e Minas nós temos o Espírito Santo. Infelizmente até a mídia no sentido geral quando vai falar da Região Sudeste esquece o Espírito Santo e nós já fomos

acostumados desde pequeno de berço a ser vizinho, a ser quintal do Rio de Janeiro, então a maior torcida aqui sempre vai ser dos clubes do Rio de Janeiro que não deveria ser [...] (entrevistado 5).

Em uma observação, pude retratar o episódio do jogador Sávio (ex-jogador do Flamengo na década de 90 e uma pequena passagem pelo mesmo clube em 2006 após retorno da Europa) que, em um jogo o treinador do Avaí, Antônio Lopes, apostou na experiência do capixaba para tentar igualar o placar. Com a sua entrada, houve manifesto de vaias no estádio, pois o jogo foi no Engenhão. Portanto, sua identidade com o clube do Flamengo proporcionou certa provocação dos torcedores botafoguenses. Mas, diferentemente no bar do Carlão, não ocorreram vaias ao jogador e sim o afloramento da questão de pertencimento ao povo capixaba, visto que presenciei o seguinte dizer; “eu o conheci menino, quando jogava aqui na Desportiva”, “já jogou muito, mas ele não vai resolver não, vamos fogão!”

Outro episódio foi percebido em uma conversa entre dois senhores, ambos uniformizados, no intervalo do jogo entre inúmeros questionamentos sobre o jogo em si. O que mais dei destaque foi que diante dessa interatividade a questão foi sobre os acessórios utilizados para ir ao bar, um frequentador vê a camisa de outro e diz; “eu tenho uma camisa igual a essa aí, mas ganhei do França⁴²!”. O outro escuta e diz; “é eu ganhei três dele!”. Aqui podemos notar que a camisa tem história, tem valor simbólico diferente das demais, e isso representa pertencimento ao time, ou seja, a “minha é diferente da sua!” e ainda tem importância pelo fato de ter sido dada por um atleta que atuou em seu time e tem/teve relação direta.

Em uma observação, o trio de arbitragem capixaba comandado pelo árbitro Wallace Valente, foi questionado por alguns torcedores que diziam: “se cair na área ele dá pênalti!”. Neste caso, podemos inferir que diferente do fato ocorrido com os jogadores Sávio⁴³ e França, valorizados pelo pertencimento ao povo capixaba. Com a arbitragem, esse fato valorativo não ocorreu na mesma intensidade, sendo estes também capixabas. Mas sobre essa questão, levamos em consideração a função profissional que Wallace exerce no futebol em conjunto com seus auxiliares, pois é uma função execrada por torcedores, mas ao final da transmissão um torcedor disse: “é o Wallace não comprometeu dessa vez não!”.

⁴² Jogador Capixaba que atuou no Botafogo na década de 1990.

⁴³ No sábado dia 21/08/2010, Botafogo 1 X 0 Avaí.

Nessa parte do trabalho, procuramos fazer uma discussão, mesmo que pontual, sobre o pertencimento capixaba em relação ao futebol dado que esse elemento foi identificado durante as observações e com a intenção de buscar um panorama, mesmo que incipiente, de como é representado o futebol no Espírito Santo pelos torcedores que frequentam o *setting* de pesquisa.

3.5 Das eleições

Como era ano eleitoral, durante as transmissões inúmeros fatos aconteceram principalmente no intervalo dos jogos em que surge mediante aos frequentadores um cabo eleitoral que apresenta o candidato aos proprietários e pede apoio a campanha para Deputado Estadual, caracterizando o momento de corpo a corpo dos candidatos em busca de votos, uma vez que faltava um mês para as eleições.

Em véspera de eleições, um candidato a Deputado Federal, um sanfoneiro, alegria o espaço, pois ele toca músicas saudosas e conquistam a atenção do público, com aplausos, desejos de boa sorte nas eleições e assovios. Após sua saída, o comentário é geral, uns se empolgam com as propostas defendidas pelos panfletos distribuídos, enquanto outros o tratam com indiferença: “é ruim de votar em uma porqueira dessas!”.

Até agradecimentos foram realizados no *setting*, pois após as eleições realizadas no dia 03/10/2010, um candidato a Deputado Federal aparece no bar para rever amigos e agradecer pelos votos concedidos pelos eleitores presentes ou não no *setting*. Sua figura é bem popular e carismática, pois alguns o trataram como se fosse da família e o parabenizaram pela campanha, mesmo não sendo eleito ficando na suplência demonstrando uma quantidade significativa de votos.

Um fato inusitado e criativo é evidenciado na véspera das eleições para segundo turno de 2010, dado que os torcedores que estavam inicialmente sentados passam a assistir ao jogo em pé com angústia performática e ao comemorar um gol do Botafogo do jogador Loco Abreu “xodó” da torcida usa a camisa 13, nas comemorações logo é ligado e associado à eleição presidencial que ocorreria no dia seguinte em que a candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) “Dilma” estava à frente nas pesquisas. Ao findar o jogo, a maioria se levanta e começa a cantar o

hino do Botafogo com muitas vibrações. O *setting*, após alguns minutos, volta ao normal e um grupo de torcedores começa a debater sobre o cenário político e sobre a eleição presidencial, logo as divergências são evidenciadas entre os favoráveis a candidata do PT e os favoráveis ao candidato do PSDB o tucano José Serra.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A amostra foi composta por 12 pessoas, sendo 10 do sexo masculino e duas do sexo feminino. A idade da amostra oscilou entre 16 a 54 anos, contribuindo para a análise dos dados, dado que dispusemos de informações de pessoas de diferentes gerações.

Foi constatado na etapa da entrevista um número significativo de profissões e formações. Sobre as profissões conseguimos detectar informações pertinentes aos ofícios dos torcedores em que podemos citar as de vendedor, corretor de imóveis, economista, de estudante, de educadores, de despachante e de empresário. Em relação à formação dos entrevistados identificamos frequentadores com nível superior completo, frequentadores com nível médio completo incompleto.

Sobre a quantidade de tempo que a amostra frequenta o bar do Carlão conseguimos identificar a oscilação de pessoas que estavam ali pela primeira vez convidada por amigos, pessoas que frequentam de um a três anos e aqueles que frequentam o bar há 12 anos devido a sua amizade com o proprietário. A propósito, o que nos chamou a atenção nos discursos foi a identificação do bar como um ambiente familiar, sendo considerado um local de respeito e um local de encontro de torcedores do Botafogo. Sendo assim o grau de sociabilidade é peculiar, pois chega ao ponto de um telefonar para o outro para irem assistir ao jogo do time do coração.

[...] aqui a gente encontra os amigos no domingo. Você bate papo, ri joga o seu estresse todo fora entendeu? O Carlão conseguiu ao longo do tempo reunir os botafoguenses, tem gente que vem de longe assistir os jogos do Botafogo, porque aqui virou reduto dos botafoguenses, já fizemos vários churrascos aqui [...] (entrevistado 10).

Sobre nossa inferência de o bar ser compreendido como extensão do estádio por parte dos torcedores botafoguenses, identificamos que:

[...] aqui a gente vem no bar que a gente gosta o bar do Carlão no dia do jogo do Botafogo não é o bar do Carlão é o Engenhão, por que a gente grita, a gente dá soco na mesa e é um lugar gostoso [...] (entrevistado 11).

Os entrevistados foram questionados sobre o local onde morava, quanto tempo gastavam para chegar e quais meios de transporte utilizavam para ter acesso ao bar. Por meio destas questões, identificamos que cinco moravam no mesmo município e gastavam, em média, cerca de quatro minutos a pé. O frequentador que morava em outro município, gastava cerca de quinze minutos, mas o seu meio de transporte era a motocicleta. Por meio dessas informações, podemos dialogar com Magnani (1986) sobre a apropriação desse “pedaço” onde as regras são específicas e as peculiaridades foram marcantes.

Quando questionados sobre o costume de vir ao bar sozinhos ou com a família, os frequentadores responderam que, na maioria das vezes, eles vêm com a família, seja com os pais, com os filhos, com os irmãos, enfim sempre procuram vir acompanhados. Mas quando isso não é possível, vêm sozinhos e se juntam com os demais frequentadores, pois nos discursos os amigos acabam assumindo o papel da família, a família botafoguense.

Procurando mapear os locais frequentados pelos torcedores em seu tempo livre além do bar do Carlão, identificamos que a amostra mais jovem solteira, até trinta anos, utiliza seu tempo livre em espaços como shoppings centers, praia, clubes, festas, teatros, shows, viagens e atividades esportivas. Já a amostra com a idade acima dos trinta e nove anos casados e com famílias constituídas, prevaleceu a preferência por roteiros considerados mais caseiros como pizzarias, lanchonetes e sorveterias, sempre no próprio município. Sobre os locais que procuram ir para fora do município, destacamos viagens com a família nas férias.

Ao serem perguntados se consideravam o bar do Carlão um espaço para usufruírem o seu tempo livre, todos os entrevistados responderam positivamente. Quando perguntados o porquê da inclusão do bar do Carlão no circuito de lazer, as respostas confluíram para sustentar a ideia que eles tinham evidenciado sobre a concepção de lazer, pois associaram o bar como um ambiente de descontração e de animação ligados diretamente à diversão. Encontramos também relatos que consideram esse espaço para localizar os amigos sejam botafoguenses ou não, ambiente para consumir bebidas alcoólicas, assistir ao jogo sempre com felicidade sem confusão e com respeito ao próximo.

Mas foi possível identificar também que o bar do Carlão não pode ser a única opção;

[...] porque ao mesmo tempo em que você está batendo um papo legal é lazer, mas ao mesmo tempo também você ir para um lugar só para beber. Por exemplo, eu já acho que você perde um pouco de tempo nisso assim, você gasta muito tempo da vida vindo para um bar beber, por exemplo, e deixa de fazer outras coisas eu vejo isso em mim mesmo às vezes, deixo de sei lá ir ver uma peça deixo de fazer qualquer outra coisa às vezes para vir para o bar e tal, e acaba sendo uma perda de tempo às vezes e ao mesmo tempo em que é legal acaba não acrescentando não (entrevistado 6).

Sendo assim, por meio desse discurso, há uma sensibilização do entrevistado em relação ao que propõe Melo (2010b), de ampliar o leque de experiências culturais do lazer.

Com o intuito de entender a sociabilidade dos frequentadores perguntamos sobre as amizades realizadas no bar do Carlão, verificamos a presença de uma rede de amigos, visto que pelo convívio do dia a dia nas transmissões dos jogos, os conhecidos de vista tornaram-se amigos de verdade, pois passaram a frequentar a casa um do outro e até mesmo saírem com as famílias juntos para excursões, churrascos, festas, dentre outros.

O bar do Carlão é um ambiente de lazer sim, porque aqui é um ambiente familiar. Eu já fiz negócios assim como fiz várias amizades. Tenho muitas amizades de bar, amizades sólidas boas entendeu? Porque isso a gente preza muito né? Amizade tem que ser amizade mesmo porque conhecido é uma coisa e amigo é outra (entrevistado 9).

E também:

A amizade que eu fiz aqui, foi o Zezinho um amigo meu botafoguense ele é até maquinista, inclusive acho que hoje à tarde ele vai estar aqui, por que ele trabalha de escala, né? A gente estava aqui vendo o jogo, batendo um papo aí eu fui ver que ele era tio de um ex-namorado de minha filha, somos amigos até hoje, nos conhecemos aqui no bar apesar dele morar em uma rua e eu na outra (entrevistado 11).

Nota-se então, via esses depoimentos, que o bar do Carlão acaba sendo um reduto potencial para a formação de novos grupos e amizades, pois seus frequentadores o representam como tal.

Com o objetivo de entender o que eles procuravam no bar, verificamos que a amostra procura assistir ao jogo do Botafogo, mesmo quando ele é transmitido pela televisão aberta eles procuram ir ao bar com o intuito de encontrar os amigos e bater um papo sadio.

Após algum tempo observando a dinâmica que estava presente no bar do Carlão, pude identificar assim como em Gastaldo (2005b) que o público presente nos dias de jogos era expressivamente masculino. Para identificar o porquê desse baixo número de frequentadoras, elaborei questões relacionadas à presença da mulher nesse espaço;

Não, mas em relação ao bar do Carlão até que é porque eu venho mais é com meu pai entendeu e tem mais mulheres até porque todo mundo que vem aqui tem filhos e respeita todo mundo. Agora em relação aos outros eu não acho por que tem muita bagunça. O bar do Carlão eu acho que é sim um ambiente sim onde pode vir mulher, porque eu venho mais com meu pai é coisa assim de família eu não venho sozinha. Eu acho que poderia aumentar porque em comparação vêm mais homens entendeu, vem mais homem as mulheres assim vêm uma quantidade boa também, mais não tanto como os homens (entrevistado 4).

Constatei que o bar do Carlão é considerado um ambiente familiar, mas mesmo assim a entrevistada não vem sozinha, mas ela acaba inferindo que o bar é mais seguro para a presença feminina do que os outros estabelecimentos.

Um fator evidenciado que nos chamou a atenção foi pelo fato da estrutura do bar e sobre um grande consumo de bebidas alcoólicas, sendo fatores inibidores da presença deste público no *setting*:

Eu imagino que essa ausência da torcida feminina seja por ser um bar aberto e o maior consumo talvez seja a bebida alcoólica e na minha concepção eu imagino que a frequência da torcida feminina no nosso bar talvez seria por isso, por ser realmente um bar um bar não um local que tenha outras opções do público feminino, mas mesmo assim determinados jogos a gente consegue encontrar aqui bastante público feminino (entrevistado 5).

Quando perguntados do (s) motivo (s) porque gostavam de futebol consegui perceber nos depoimentos que esse fenômeno esportivo, na realidade a afinidade

pelo futebol, surgiu pelo convívio com a prática em sua essência, seja de ex-atletas profissionais ou amadores, e pela influência da família dado que essa foi uma característica marcante entre os entrevistados em que destacamos uma fala do porque torcer pelo Botafogo:

Primeiro que eu imagino que tenha sido da maioria dentro da minha casa, meu pai botafoguense, mais dois irmãos botafoguenses e eu consegui ver no Botafogo uma coisa diferente. Você torcer para o Botafogo é você ser apaixonado não ser fanático. Porque o Botafogo é um clube que ele te faz sofrer muito, então se você fosse fanático talvez você não torceria para o Botafogo, mas por se apaixonado pelo futebol o Botafogo ele te enquadra mais na minha concepção (entrevistado 5).

E também:

Botafogo, o meu pai... é influência do meu pai e porque eu gosto muito do Loco Abreu. Antes eu já torcia mais era mais em casa, porque eu não era tanto botafoguense assim entendeu, aí depois meu pai me deu a camisa aí chegou o Loco Abreu aí que eu virei fã mesmo. Não tem como comentar a minha paixão (entrevistado 4).

Ainda sobre a importância da família na escolha do time de futebol, o entrevistado 2 nos diz que: “Sim, O meu pai, né? porque eu sou mais apegado com meu pai né?, na verdade sou eu, meu pai e meu irmão, o resto é tudo vascaíno. Mas é por causa do meu pai mesmo que sou botafoguense.

5 CONCLUSÃO

Iniciamos o trabalho com a música *Conversa de Botequim* de Noel Rosa e Vadico, com a intenção de trazer para o leitor a importância dos meios de comunicação para entendermos o *setting* de pesquisa. Isto porque, no contexto histórico da música, o processo político, econômico, social e de passagem esportivo do país estava em desenvolvimento. Assim, as notícias eram transmitidas em grande parte pelos jornais e pelo rádio e os bares/botequins eram espaços para discussão desse desenvolvimento.

Na década de 2010, a discussão do desenvolvimento não é diferente, mas encontra-se em outro contexto histórico em que os meios de comunicação ganharam mais notoriedade e as informações são transmitidas de tal forma que se atualizam em tempo real, com o auxílio da televisão e da internet.

Para nosso entendimento, isso representa o quanto o futebol está presente nos espaços de interações na sociedade, e o bar é um espaço onde essa discussão excede os 90 minutos de jogo, caracterizando o pré-jogo, o durante o jogo e por último o pós-jogo, que rende aos meios de comunicação inúmeras cifras em dinheiro (publicidade, pacotes esportivos TV, dentre outros).

Mesmo vivendo em uma sociedade onde prevalece a insegurança, e as cidades são palco de fatos que transgridem as regras, proporcionando o que Fontenelle (2007) nos traz de “sociedade do medo”, e se torna então um espaço em que há um rompimento com o cotidiano, procuramos contrapor-nos à ideia de que o bar está ligado, única e exclusivamente à marginalidade ou à promiscuidade, pois passamos então a considerá-lo como um recinto de interações sociais importantes que se caracterizam pela possibilidade de formação de grupos sociais que, muitas vezes, manifesta-se pela sociabilidade de grupos afins. No caso específico, o de assistir ao jogo do Botafogo no bar do Carlão.

Para tanto, conseguimos concluir que, em contraponto a todo esse transtorno social, a classe popular de certa forma se organiza e obtém mecanismos de se sociabilizar nos seus momentos de lazer, seja volátil ou sólida ela sempre rearranja formas de se divertir.

Portanto, por meio do exercício etnográfico que nos proporcionou a pesquisa, conseguimos observar que, diante desses fatos relatados acima, o bar do Carlão

assume a função de equipamento de lazer, pois possibilita aos seus frequentadores exercerem uma sociabilidade peculiar, em que as relações de pertencimento são latentes no momento de diversão, de entretenimento e de lazer.

Dentro da amostra pesquisada, conseguimos identificar que eles não possuem única e exclusivamente o bar do Carlão como equipamento de lazer, pois constatamos que existem experiências de diversão diversificadas como ir com a família à pizzaria, ao cinema, ao shopping, viajar, ir ao estádio e a outros bares. Concluimos desta forma que os momentos em que não estão no bar do Carlão em seu tempo livre, estão com a família para se divertir e entreter-se.

Sobre a representação esportiva, conseguimos identificar que os torcedores veem o torcer pelo Botafogo como uma relação amorosa, uma paixão que expressa felicidade e sofrimento. A preferência pelo futebol como prática esportiva preferida e a escolha pelo clube se deu pela influência da família (pais para filhos, irmão para irmão, entre outros) dado que, ao longo dos relatos da amostra, essa característica foi marcante nos discursos.

Conseguimos constatar também que o lazer é considerado como o tempo/espço relacionado à satisfação pessoal em que a diversão e o descanso são evidenciados nos discursos de forma contundente. O ato de se divertir apareceu na resposta de todos os pesquisados seja para ser usufruído individualmente, seja junto com a família ou com os amigos no bar, na praia, sempre associado àquilo que ele gosta e com quem ele gosta. O ato de descansar está relacionado diretamente ao trabalho, ou seja, no momento contrário às atividades profissionais em que o individuo deve repor as suas energias, tendo como funcionalidade a válvula de escape de uma jornada de trabalho.

A relação entre lazer e sociabilidade se dá por considerarmos que o bar do Carlão assume sim um espaço de interação, portanto de sociabilidade, uma vez que os frequentadores, o entendem como parte do seu “pedaço” e estão sempre em contato nos dias de jogos e esse ambiente proporciona, então, o estreitamento de laços, formando novas amizades que estendem ao bar do Carlão nos dias de transmissão.

Sendo assim, mesmo diante das limitações que possui o trabalho, esperamos ter atingido o objetivo de proporcionar o debate acerca do lazer, da sociabilidade e porque não do futebol que assume em nossa sociedade um destaque nas rodas de discussão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. 5 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2007.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever", In: **O trabalho do antropólogo**, São Paulo – SP, UNESP/Paralelo 15, 2ª. Edição, 1998, pp. 17 – 35.

DA MATTA, Roberto. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **A cidade midiática sob o signo do consumo**: a produção de uma sociabilidade da indiferença. Sociedade mídia. Média. (2007). Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n2/artigos/pdf/v7n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 Dez. de 2010.

GASTALDO, Édison. **A recepção Coletiva de Futebol Mdiatizado**: apontamentos etnográficos. Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação COMPÓS, XIV, 2005a, Niterói/Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/tommeireles/edison-gastaldo>>. Acesso em: 05 Jul. de 2010.

_____. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. *Horiz. antropol.*, Dez 2005b, vol.11, no.24, p.107-123. ISSN 0104-7183. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832005000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 Jul. de 2010.

_____. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n22/n22a13.pdf>>. Acesso em: 04 Jul. de 2010.

GIDDENS, Anthony. Hermeneutics and Social Theory. In: Gary Shapiro and Alan Sica (Eds). 1984. **Hermeneutics: Questions and Prospects**. Amherst, MA: University of Massachusetts Press.

GOMES, C. L. ; ISAYAMA, H. F. Lazer, cultura, indústria cultural e consumo. In GOMES, C. L. ; STOPPA, E. A. ; ISAYAMA, H. F. **Lazer e Mercado**. Campinas, SP : Papyrus, 2001. p. (45 - 69).

_____. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. (119 - 121).

ISAYAMA, H. F. STOPPA, E. A. Lazer, mercado de trabalho e atuação profissional. *In* GOMES, C. L. ; STOPPA, E. A. ; ISAYAMA, H. F. **Lazer e Mercado**. Campinas, SP : Papirus, 2001. p. (71 - 100).

JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar**: Identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1404>>. Acesso em: 10 Dez. de 2010.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência ou o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, nº. 19, pág. 20 – 28, jan./fev./mar./Abr., 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Festa no pedaço**: Cultura popular e lazer na cidade. 3 ed. São Paulo – HUCITEC/UNESP, 2003.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (orgs.). **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. 3. ed. São Paulo: Editora Edusp; Fapesp, 2008.

MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

_____. **Estudos do lazer**: Uma introdução; ed. autores associados. 1996.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática de liberdade**: uma proposta educativa para a juventude. 2 ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

MELO, Victor Andrade. Formação Cultural do Animador Cultural: antigas reflexões, persistências, continuidades. *In*: ISAYAMA, Helder Ferreira. (org) **Lazer em Estudo**: currículo e formação profissional. Campinas – SP: Papirus, 2010a (p. 127-141).

_____. **Esporte e Lazer**: conceitos: uma introdução histórica. Rio de Janeiro – RJ. Editora Apicuri, 2010b.

O'DONNELL, Julia. **A Rua**: espaço, tempo, sociabilidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Apr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Fev. 2011. doi: 10.1590/S0104-93132009000100012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, *In*: **O trabalho do antropólogo**, São Paulo – SP, UNESP/Paralelo 15, 2. Ed, 1998, pp. 17 – 35.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL ROTEIRO DE ENTREVISTA - COLETA DE DADOS

O presente Instrumento pretende levantar informações necessárias ao desenvolvimento do trabalho monográfico, como requisito parcial para a conclusão do curso de pós-graduação *lato sensu* da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO – UFMG) sob orientação do Professor Dr. Victor Andrade de Melo, denominado “CONVERSA DE BOTEQUIM: UM ESTUDO SOBRE TORCEDORES FREQUENTADORES DE UM BAR DE CARIACICA – ES. Sua participação é de fundamental importância para a concretização da pesquisa.

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é a sua profissão?
3. Qual é sua formação?
4. Quanto tempo você frequenta o bar do Carlão? E por quê?
5. Você mora no Município de Cariacica? Quanto tempo você gasta para chegar ao bar? Qual condução você utiliza para realizar o trajeto?
6. Você costuma vir sozinho ou traz a família? Por quê?
7. Aonde você usufrui o tempo disponível/livre além do bar do Carlão?
8. O que você entende por lazer?
9. Você considera o bar do Carlão como um dos seus espaços de lazer? Por quê?
10. Você já fez algum amigo no bar do Carlão?
11. Quando você vem ao bar do Carlão, o que você procura?
12. Você gosta de futebol? Por quê?
13. Você torce para qual time? O que te levou a torcer para ele? O que o seu time representa para você? E por quê?
14. O que você acha dos torcedores que vêm ao bar “secar” o time do Botafogo?
15. Por que você acha que há tantos capixabas torcendo por times de fora do ES?

ANEXO II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL ROTEIRO DE ENTREVISTA - COLETA DE DADOS

O presente Instrumento pretende levantar informações necessárias ao desenvolvimento do trabalho monográfico, como requisito parcial para a conclusão do curso de pós-graduação *latu sensu* da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO – UFMG) sob orientação do Professor Dr. Victor Andrade de Melo, denominado “CONVERSA DE BOTEQUIM: UM ESTUDO SOBRE TORCEDORES FREQUENTADORES DE UM BAR DE CARIACICA - ES”. Sua participação é de fundamental importância para a concretização da pesquisa.

- 1 -Qual é a sua idade?
- 2 -Qual era a sua profissão antes de abrir o bar?
- 3 -Qual é sua formação?
- 4 -Quanto tempo você trabalha no bar? Conte-nos sobre a história do seu surgimento? Como era antes e depois da transmissão dos jogos?
- 5 -Você mora no Município de Cariacica? Quanto tempo você gasta para chegar ao bar? Qual condução você utiliza para realizar o trajeto?
- 6 -Você costuma vir sozinho ou traz a família? Por quê?
- 7 -Você se considera uma pessoa que tem tempo livre/disponível? Aonde você costuma ir usufruir desse tempo? Quanto tempo você gasta para chegar a esses espaços?
- 8 -Você tem o hábito de curtir o seu tempo livre com a família?
- 9 -O que você entende por lazer?
- 10 -Você considera o bar como um dos seus espaços de lazer? Por quê?
- 11 -Conte sobre as amizades que você já fez no bar?
- 12 -Você acha que as pessoas que vem ao seu bar procuram o quê?
- 13 -Você gosta de futebol? Por quê?
- 14 -Você torce para qual time? O que te levou a torcer para ele?
- 15 -O que o seu time representa para você? E por quê?
- 16 -Eu posso considerar o seu bar como reduto de botafoguenses? Por quê?
- 17 -O que você acha dos torcedores que vem ao bar “secar” o time do Botafogo?
- 18 -Você considera o seu bar como espaço para mulheres? Na sua visão por que o número de mulheres é menor que o de homens em dias de jogos no bar?
- 19 -Por que você acha que há tantos capixabas torcendo por times de fora do ES?

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador: Samuel Coelho da Silva

Orientador: Victor Andrade de Melo

TÍTULO DO PROJETO

CONVERSA DE BOTEQUIM: UM ESTUDO SOBRE TORCEDORES
FREQUENTADORES DE UM BAR DE CARIACICA - ES

Colaborador: _____

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa realizada pelo aluno Samuel Coelho da Silva *do Curso de Especialização em Lazer*, da Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob orientação do Prof. Dr. Victor Andrade de Melo. O objetivo desta pesquisa será estudar o bar que transmite jogos de futebol como um espaço para vivenciar o lazer no município de Cariacica-ES.

A sua participação se dará através de entrevista em local e data estabelecidos em comum acordo. Será utilizado gravador para registro da sua entrevista.

As informações obtidas através da entrevista serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e serão transformadas em texto a ser utilizado na redação da monografia mediante a sua autorização.

A gravação da entrevista, mediante a sua autorização, irá colaborar com o conhecimento científico e poderá fornecer informações relacionadas à como os frequentadores do bar se apropriam desse espaço no seu lazer em Cariacica – ES. A pesquisa estará disponível na biblioteca da EEFFTO/UFMG e na sede do bar com o proprietário. Além disso, será disponibilizada em arquivo PDF para todos os entrevistados.

RISCOS: Você não estará sob riscos ao participar desta pesquisa.

BENEFÍCIOS: Os resultados obtidos fornecerão informações para a tentativa de compreender o bar como um espaço de sociabilidade no usufruto do lazer. E também estas informações poderão ajudar a explicar a importância desse espaço para a prática de lazer e a dinâmica urbana no município de Cariacica-ES.

PAGAMENTO: Você não receberá nenhuma forma de pagamento.

RECUSA OU ABANDONO: A sua participação é voluntária, e você tem o direito de se recusar a participar da pesquisa por qualquer razão e/ou desistir da entrevista em qualquer momento.

IDENTIFICAÇÃO OU ANONIMATO: Caso não queira ser identificado, seu nome real será substituído por um nome fictício no trabalho final.

Depois de ler as informações acima, se for da sua vontade participar deste estudo, por favor, preencha o consentimento abaixo.

CONSENTIMENTO:

Declaro que li e entendi a informação contida acima. Todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e eu recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Eu, _____, RG
_____ e CPF _____ concordo em participar desta pesquisa.

Autorizo a utilização do meu nome real na pesquisa.

Não autorizo a utilização do meu nome real na pesquisa.

Sugestão de nome fictício: _____.

Local e data

Assinatura do Participante

Local e data

Assinatura do Pesquisador

Local e data

Assinatura do Orientador